



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

INSTITUTO DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

PROFHISTÓRIA – MESTRADO PROFISSIONAL

MARIA DE LOURDES CONCEIÇÃO DE SOUZA

**O PALÁCIO DA INSTRUÇÃO E O PATRIMÔNIO HISTÓRICO
DE CUIABÁ-MT:**

Cidade, territorialidade e educação patrimonial

Linha de pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória

Cuiabá - MT

2018

MARIA DE LOURDES CONCEIÇÃO DE SOUZA

**O PALÁCIO DA INSTRUÇÃO E O PATRIMÔNIO HISTÓRICO
DE CUIABÁ-MT:**

Cidade, territorialidade e educação patrimonial

Dissertação apresentada à Banca Examinadora de Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional – núcleo Universidade Federal de Mato Grosso – como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Thais do Amaral Cerzoso Gomes

Cuiabá - MT

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

S729p Souza, Maria de Lourdes Conceição de.
O Palácio da Instrução e o Patrimônio Histórico de Cuiabá-MT:
: Cidade, territorialidade e educação patrimonial / Maria de Lourdes
Conceição de Souza. -- 2018
98 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Cristiane Thais do Amaral Cerzoso Gomes.
Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal de
Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino
de História, Cuiabá, 2018.
Inclui bibliografia.

1. Ensino de História. 2. Educação Patrimonial. 3. Cultura. 4.
Tecnologia. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCACÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHIS
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança - Cep: 78060900 -Cuiabá/MT
Tel : 65 3313-8493 - Email : anamariamarques.ufmt@gmail.com

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO : "O Palácio da Instrução e o Patrimônio Histórico de Cuiabá-MT: cidade, territorialidade e educação patrimonial"

AUTORA: MARIA DE LOURDES CONCEIÇÃO DE SOUZA

defendida e aprovada em 24/11/2018.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientador Doutor(a) Cristiane Thais do Amaral Cerzoso Gomes
Instituição : PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Examinador Interno Doutor(a) Renilson Rosa Ribeiro
Instituição : UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Examinador Externo Doutor(a) Jocenaidé Maria Rossetto Silva
Instituição : Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) campus de Rondonópolis.

Examinador Suplente Doutor(a) Osvaldo Rodrigues Junior
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CUIABÁ, 24/11/2018.

Ana Maria Marques
Profª. Dra. Ana Maria Marques
Coordenadora do Programa de Pós-graduação
Mestrado Profissional em Ensino de História
IGHD / UFMT
SIAPe: 1647082

RESUMO

A presente pesquisa trata de uma investigação histórica sobre o *Palácio da Instrução*, localizado no centro histórico da cidade de Cuiabá-MT, entre o período de 1914 a 2017, no processo de formação educacional e cultural da sociedade mato-grossense, destacando este espaço como fonte de pesquisa e educação patrimonial para o ensino médio, com ênfase no Ensino de História. Tem como objetivo analisar, a partir do Palácio da Instrução, a importância do patrimônio histórico e os lugares de memória da capital mato-grossense, discutindo ações metodológicas, no âmbito do ensino de história, sobre o processo de conservação e restauração desse espaço histórico. Nesta proposta de investigação histórica foi realizada uma abordagem metodológica de análise interpretativa de fontes documentais acerca da implantação e funcionamento do Palácio da Instrução, através de análise de atas, registros escolares, jornais, fotos antigas e atuais. Como recurso para coleta de dados, optou-se pelo uso de questionário, como instrumento de pesquisa, com alunos do segundo ano do Ensino Médio, matriculados no ano letivo de 2017, de uma Escola Estadual de Cuiabá-MT, para verificar o interesse e o conhecimento dos mesmos acerca da história local, através do estudo dos lugares de memória da capital mato-grossense. Nesse sentido, esta pesquisa transpõe os desafios de ensinar história na contemporaneidade, buscando, também, compreender as características do tempo presente e as relações que se estabelecem na prática docente, através da educação patrimonial e da inserção da tecnologia. Sendo assim, neste estudo, no primeiro momento, investigo o Palácio da Instrução, sua história e memória, destacando a cidade, as territorialidades constituídas nesse espaço e a educação patrimonial no ensino de história. No segundo momento de análise, tendo como foco o centro histórico de Cuiabá, através da realização de um percurso patrimonial nesse espaço urbano, culminando com aula-oficina no Palácio da Instrução, relatando vivências e experiências dos alunos. Para finalizar, apresento um aplicativo para aparelhos móveis, como recurso tecnológico para o ensino de história, com dados e informações sobre o Palácio da Instrução, possibilitando a realização de uma visita virtual nesse espaço de cultura e memória de Cuiabá, a ser utilizado por professores, alunos e usuários em geral. Conclui-se que a prática de atividades de educação patrimonial, através da visitação aos lugares de memória e o uso da tecnologia, são estratégias de ensino capazes de promover vivências e experiências no contato com os vestígios de outro tempo histórico.

Palavras-chave: Ensino de História. Educação Patrimonial. Cultura. Tecnologia.

ABSTRACT

The present research deals with a historical investigation about the Palace of Instruction, located in the historical center of the city of Cuiabá-MT, between the period from 1914 to 2017, in the process of educational and cultural formation of Mato Grosso society, highlighting this space as source of research and heritage education for high school, with emphasis on Teaching History. It aims to analyze, from the Palace of Instruction, the importance of the historical patrimony and places of memory of the capital of Mato Grosso, discussing methodological actions, within the scope of the teaching of history, about the process of conservation and restoration of this historical space. In this proposal of historical research was carried out a methodological approach of interpretative analysis of documentary sources about the implantation and operation of the Palace of the Instruction, through analysis of minutes, school records, newspapers, old and current photos. As a resource for data collection, we chose to use a questionnaire, as a research instrument, with secondary school students enrolled in the 2017 school year, from a State School of Cuiabá-MT, to verify the interest and their knowledge about local history, through the study of the places of memory of the capital of Mato Grosso. In this sense, this research transposes the challenges of teaching history in the contemporary world, also seeking to understand the characteristics of the present time and the relationships that are established in the teaching practice, through patrimonial education and the insertion of technology. Thus, in this study, in the first moment, I investigate the Palace of Instruction, its history and memory, highlighting the city, the territorialities constituted in this space and the patrimonial education in the teaching of history. In the second moment of analysis, focusing on the historical center of Cuiabá, through the accomplishment of a patrimonial course in this urban space, culminating with a workshop class at the Instruction Palace, reporting experiences and experiences of the students. Finally, I present an application for mobile devices, as a technological resource for the teaching of history, with data and information about the Palace of Instruction, enabling a virtual visit in this space of culture and memory of Cuiabá, to be used by teachers, students and users in general. It is concluded that the practice of patrimonial education activities, through the visitation to places of memory and the use of technology, are teaching strategies capable of promoting experiences and experiences in the contact with the vestiges of another historical time

Key-words: History teaching. Patrimonial Education. Culture. Technology.

AGRADECIMENTOS

Ao companheirismo e incentivo dos colegas da turma do PROFHISTÓRIA da UFMT, alguns assim como eu retornando aos estudos depois de muito tempo.

À minha orientadora, Profa. Dra. Cristiane Thais do Amaral Cerzoso, que acompanhou este trabalho, orientando com paciência, firmeza e muita tranquilidade.

À banca de qualificação pelas observações e indicações valiosas para a pesquisa e encaminhamentos que estão presentes nesta dissertação.

Aos gestores do Palácio da Instrução, na pessoa de Carlos Santos, que dispuseram fontes documentais úteis para a pesquisa e sempre nos receberam com muita cordialidade.

À Escola Estadual de Ensino Médio de Cuiabá-MT que permitiu a investigação com os alunos sobre o uso da Educação Patrimonial e a realização das aulas oficinas no Palácio da Instrução.

Aos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual de Cuiabá-MT que participaram direta ou indiretamente desta investigação, contribuindo para a realização desta pesquisa.

À minha família pelo apoio e incentivo para a continuação dos estudos, principalmente a Bernardo Tertuliano de Siqueira, que além de incentivar o retorno aos estudos, foi companheiro e esteve presente em todos os momentos com sua força, determinação e carinho.

Lista de quadros e ilustrações

Quadro 1. Salas da Biblioteca Estadual Estevão de Mendonça

Figura 1. Fotografia do Palácio da Instrução de 1914-2018

Figura 2. Fotografia dos alunos da escola Modelo Barão de Melgaço em 1941

Figura 3. Fotografia do Palácio da Instrução na década de 1940

Figura 4. Fotografia do frontão do acesso principal do Palácio da Instrução

Figura 5. Fotografia do acervo da Biblioteca estevão de Mendonça

Figura 6. Fotografia da vista das casas cuiabanas em 1930

Figura 7. Fotografia da vista aérea do centro de Cuiabá em 1930

Figura 8. Fotografia da área tombada do Centro Histórico de Cuiabá

Figura 9. Fotografia de casarão do Centro Histórico de Cuiabá em 2017

Figura 10. Fotografia de casarão do Centro Histórico de Cuiabá em 2017

Figura 11. Fotografia da casa Orlando no Centro Histórico de Cuiabá em 2017

Figura 12. Fotografia da Igreja Nossa Senhora do Rosário e São benedito em 2017

Figura 13. Fotografia do casarão do Centro Histórico de Cuiabá em 2017

Figura 14. Fotografia da vista atual do Centro de Cuiabá

Figura 15. Fotografia do Palácio da Instrução. Cartaz da 32ª Bienal de SP em 2017

Figura 16. Fotografia da vista da instalação Espetáculo. Obra de Ana Mazzei

apresentada na 32ª Bienal de São Paulo no Palácio da Instrução em 2017

Figura 17. Fotografia da obra de arte Watu, Iguaçu de Carolina Caycedo. Apresentada na 32ª Bienal de São Paulo no Palácio da Instrução em 2017

Figura 18. Fotografia dos alunos do segundo ano do Ensino Médio em visita à exposição de Santos Dumont no Palácio da Instrução em 2017

Figura 19. Fotografia da réplica da Demoiselle na exposição de Santos Dumont no Palácio da Instrução em 2017

Figura 20. Captura de tela da aba 1 do aplicativo – História - 2018

Figura 21. Captura de tela da aba 2 do aplicativo – Biblioteca -2018

Figura 22. Captura de tela da aba 3 do aplicativo – Fotos -2018

Figura 23. Captura de tela da aba 4 do aplicativo – Vídeos

Figura 24. Captura de tela da aba 5 do aplicativo em – Mapa- Localização- 2018

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO I - O PALÁCIO DA INSTRUÇÃO: LUGAR DE ENSINO, CULTURA E MEMÓRIA..... | 16 |
| 1.1. Os grupos escolares e o Palácio da Instrução..... | 21 |
| 1.2. O Palácio da Instrução e o patrimônio histórico e artístico cultural..... | 29 |
| 1.3. Cidade e educação patrimonial na história local..... | 35 |
| 1.4. Educação patrimonial no ensino de história..... | 42 |
| | |
| CAPÍTULO II - DO CENTRO HISTÓRICO AO PALÁCIO DA INSTRUÇÃO: OBSERVAÇÃO, REGISTRO E APROPRIAÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO..... | 46 |
| 2.1. Percurso patrimonial: caminhada pelo Centro Histórico..... | 50 |
| 2.2. Aula-oficina no Palácio da Instrução..... | 61 |
| 2.2.1. Visita mediada: exposição da 32ª Bienal de São Paulo | 63 |
| 2.2.2. Palácio da Instrução: Exposição Santos Dumont..... | 70 |
| | |
| CAPÍTULO III. APLICATIVO PARA VISITAÇÃO AO PALÁCIO DA INSTRUÇÃO: PATRIMÔNIO HISTÓRICO E TECNOLOGIA VIRTUAL..... | 74 |
| 3.1. Inventário do aplicativo..... | 77 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 83 |
| REFERÊNCIAS..... | 86 |
| ANEXOS..... | 91 |

INTRODUÇÃO

Ensinar história na atualidade tem sido um grande desafio. Sendo assim, é imprescindível que o professor busque, em suas práticas pedagógicas, ações que permitam o conhecimento histórico e um saber com significado para a vida do aluno. Nessa perspectiva, o presente estudo tem como objetivo analisar historicamente a importância do *Palácio da Instrução*, localizado no centro histórico da cidade de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, no processo de formação educacional e cultural da sociedade mato-grossense, destacando este espaço como fonte de pesquisa e educação patrimonial para o ensino de história na educação básica, com ênfase no ensino de história local e regional.

O Palácio da Instrução, antigo estabelecimento escolar da capital mato-grossense, inaugurado no ano de 1914, representado pela imponente arquitetura neoclássica, marcou o processo de modernização da paisagem urbana da cidade de Cuiabá, nas primeiras décadas do século XX, tornando-se referência de patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso. Em 2004, o edifício do Palácio da Instrução foi restaurado pela Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso e se constitui em cartão postal da cidade de Cuiabá, considerado modelo de revitalização e ressignificação dos lugares de memória do centro histórico da capital mato-grossense, tombado pelo Patrimônio Histórico Cultural de Mato Grosso no ano de 1983.

Ao problematizar o Palácio da Instrução, procurei compreender, neste estudo, o processo de constituição desta instituição escolar e os motivos que levaram o governo do Estado de Mato Grosso a encerrar suas atividades no ano de 1971, para sediar as Secretarias do Interior e Justiça e da Segurança Pública, neste espaço histórico de ensino e aprendizagem, que abrigou a antiga *Escola Normal de Cuiabá*; o *Liceu Cuiabano*, com o *Curso de Letras e Ciências Preparatórias*; a *Escola Modelo e a Diretoria Geral de Instrução Pública*, destacando-se na capital mato-grossense e região através de suas atividades de formação educacional. Nesse aspecto, tornou-se importante observar, também, o modo como o Palácio da Instrução conservou, ao longo de sua história, como espaço de ensino e cultura.

Assim, o presente trabalho de pesquisa tem como objetivos, elaborar propostas metodológicas para o ensino de história no ensino médio e contribuir para o conhecimento

Sobre a importância da conservação, valorização e preservação do Patrimônio Histórico de Cuiabá. Nesta perspectiva, ao refletir sobre o Palácio da Instrução, antiga instituição educacional, onde atualmente funciona a *Biblioteca Pública Estadual*, com setores de obras raras, periódicos, exposições e outras atividades culturais, possibilitou desenvolver um estudo mais aprofundado sobre este lugar de memória, localizado no centro histórico da cidade de Cuiabá.

Sendo assim, este estudo busca conhecer a função social deste estabelecimento de ensino, desde o seu período de construção e funcionamento, bem como a sua transformação em espaço de cultura e memória de Mato Grosso, em seu processo de ressignificação e humanização, como lugar de educação patrimonial para o ensino médio e investigar a dimensão concreta e abstrata de utilidade dos espaços educativos da cidade.

A complexidade deste processo exige a construção de fundamentos teóricos e de estratégias pedagógicas, necessários à elaboração de propostas dinâmicas e eficazes para inserção da educação patrimonial nos planejamentos escolares, que venham compor e relacionar esta questão aos conteúdos programáticos da disciplina de história, no ensino médio das escolas públicas de Cuiabá.

Ao observar essa realidade, surgiu o interesse em investigar esta temática, a partir dos inúmeros desafios enfrentados diariamente, na condição de professora de história do ensino médio em escola pública de Cuiabá. Geralmente, o ambiente escolar público é constituído por diversas salas de aulas lotadas, em média, quarenta alunos por turma, onde a falta de interesse dos alunos pelos textos de história propostos pelo livro didático é recorrente.

Percebendo isso, se fez necessário buscar outros recursos e estratégias para serem utilizadas no cotidiano do espaço escolar, com métodos e práticas pedagógicas para facilitar o processo de conhecimento e aproximação do conteúdo trabalhado em sala de aula. Sendo assim, levando em conta a realidade dos alunos da escola pública de Cuiabá, elaborei questões acerca do centro histórico e do Palácio da Instrução, enquanto patrimônio histórico da capital mato-grossense, para serem trabalhadas com a turma escolhida para a pesquisa, composta por 40 (quarenta) alunos do segundo ano do ensino médio, matriculados no ano letivo de 2017, de uma Escola Estadual de Cuiabá-MT, que

passei a denominar, neste trabalho de pesquisa, de “Escola Primavera”¹, localizada no bairro Morada da Serra.

Para realizar essa pesquisa e preservar a identidade dos meus depoentes, atribuí, a cada aluno entrevistado, nomes fictícios de flores de diferentes espécies, como “Alfazema”, “Margarida”, “Lírio”, “Narciso” e outros.

Quais as percepções dos alunos sobre o patrimônio histórico e o seu significado? O que conheciam do Centro Histórico de Cuiabá? Quais os espaços educativos que já haviam visitado na cidade? E por último, se já conheciam o Palácio da Instrução. A partir dessas indagações, analisei as possíveis alternativas de melhorar a prática de ensino de história em sala de aula, que propiciasse o envolvimento do aluno no processo de construção e compreensão do conhecimento histórico. Deste modo, busquei um novo direcionamento para reflexão e questionamento em minha prática docente, procurando destacar a importância do conhecimento dos lugares de memória para o ensino médio, a partir da educação patrimonial, com a finalidade de encontrar novas possibilidades de aprendizado, facilitar a compreensão da história local e sua relação com os temas históricos mais amplos.

Para tanto, foram realizadas aulas de campo, visando o estudo nos percursos patrimoniais do espaço urbano de Cuiabá, previamente planejados com os discentes do segundo ano do ensino médio, da “Escola Primavera”, iniciando com uma caminhada pelo Centro Histórico de Cuiabá, realizada no mês de abril de 2017. A segunda aula de campo foi organizada junto com os estagiários do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, onde foi elaborado um roteiro de visitação das igrejas localizadas no Centro Histórico de Cuiabá.

Ao recorrer à proposta de *aula-oficina* de Isabel Barca² foi possível organizar mais duas atividades com essa turma, colocando em prática as oficinas de história no Palácio da Instrução, para que o aluno pudesse compreender e ampliar as discussões sobre os usos do patrimônio e a importância da sua conservação e ressignificação. A aula-oficina busca entender como se dá a construção do conhecimento histórico dos alunos, compreendendo

¹ Nome fictício dado à Escola Estadual de Cuiabá, do Bairro Morada da Serra, que participou da investigação do uso da educação patrimonial com os alunos do segundo ano do ensino médio do ano letivo de 2017.

² BARCA, Isabel. Aula oficina, do projeto à avaliação. In: BARCA, Isabel (Org.). **Para uma Educação Histórica de Qualidade. Atas das Quartas Jornadas Internacionais de Educação Histórica.** Braga: CIED, Universidade do Minho, 2004. Pp. 133-144.

de que forma eles se apropriam da história.

Nesse campo investigativo, a educação histórica tem como base o conhecimento prévio do aluno, antes da aula de campo e das oficinas de história, para verificar o que já conheciam e quais as percepções destes acerca do centro histórico e do Palácio da InSTRUÇÃO. Para isso, utilizei imagens antigas e atuais dos casarões, dos prédios, do Palácio da InSTRUÇÃO e das ruas históricas do centro de Cuiabá. Além do questionário prévio, durante a caminhada pelas ruas do centro histórico de Cuiabá, foram surgindo outros questionamentos que contribuíram para identificar, registrar e valorizar os bens culturais.

Nesta perspectiva, Horta, Grunberg e Monteiro, no *Guia Básico de Educação Patrimonial*, sugerem atividades de ensino explorando o objeto cultural em quatro momentos que se sucedem, embora possam se sobrepor e servem para nortear a atividade com os alunos. São elas: 1) observação do objeto; 2) registro; 3) exploração; e 4) apropriação.³ Essa tarefa demanda uma releitura do objeto em diferentes linguagens, esperando-se que o público da ação de educação patrimonial faça uma releitura dos significados do objeto e se sinta afetivamente envolvido com ele. Neste sentido, objeto cultural é assim definido:

Entendem-se como objetos culturais não somente os sítios e monumentos arquitetônicos, arqueológicos, históricos e artísticos reconhecidos e protegidos por lei, mas também os saberes populares, as cantigas de rodas, aquelas receitas herdadas das avós, as danças, músicas e brincadeiras de crianças, expressões artísticas e todos os aspectos que a cultura viva pode formar.⁴

Assim, utilizando estas atividades da observação, registro, exploração e apropriação foi possível refletir e discutir sobre as questões da pesquisa desenvolvidas durante e após as aulas de campo, e ainda possibilitou aos alunos “adquirir os instrumentos para recriar, transformar, usar e desfrutar o patrimônio cultural da sua região”⁵. As atividades aconteceram tanto durante a caminhada pelo centro histórico quanto nas aulas de visitação e oficinas de história realizadas no Palácio da InSTRUÇÃO. É importante frisar, que a instituição atende agendamento escolar, permitindo o acesso aos

³ HORTA, Maria de Lourdes Pereira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN; Museu Imperial, 1999.

⁴ Ibidem.

⁵ GRUNBERG, Evelina. Educação patrimonial: utilização dos bens como recursos educacionais. In: **Cadernos do CEOm**, Chapecó, SC, Argos, n. 12, 2000, p. 159-180

alunos das escolas públicas e particulares, disponibilizando várias atividades educativas e culturais durante todo ano.

O professor, em sua prática docente, utiliza em seu cotidiano, na sala de aula, diferentes recursos e estratégias para ensinar história, como o uso de narrativas, analogias, leituras e análise de textos, documentos e imagens, atividades de pesquisa escolar, seminários, realização de mostras e/ou feiras culturais e as visitas a museus e outros lugares de memória. Cada uma destas estratégias é capaz de desenvolver competências e habilidades que, juntas, constroem o conhecimento histórico escolar. Os autores Zabala e Arnau, afirmam que “a competência consistirá na intervenção eficaz nos diferentes âmbitos da vida, mediante ações nas quais se mobilizam, ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, componentes atitudinais, procedimentais e conceituais”⁶. E para os mesmos autores, “as habilidades são componentes de ações (procedimentos, técnicas, estratégias) que compõem as competências.”⁷

Discutir o ensino de história é pensar maneiras de educar cidadãos numa sociedade complexa marcada por diferenças e desigualdades. A finalidade desta discussão é indagar o que da cultura, da memória e da experiência humana devemos ensinar e trabalhar em nossas aulas de história? Todas as ações através das quais os povos expressam suas formas específicas de ser, constituem a sua cultura e esta vai, ao longo do tempo, adquirindo formas e expressões diferentes. A cultura, segundo Horta “é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração em geração que se aprende com os ancestrais e se cria e recria no cotidiano do presente, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade e indivíduos enfrentam.”⁸

Nessa perspectiva, Fonseca afirma que “os saberes históricos, os valores culturais e políticos são transmitidos na escola a sujeitos que trazem consigo um conjunto de crenças, significativos valores, atitudes e comportamentos adquiridos nos outros espaços educativos.”⁹ Isso implica a necessidade de nós, professores, incorporarmos no processo de ensino e aprendizagem outras formas do saber histórico em diferentes espaços de memória.

⁶ ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

⁷ Ibidem.

⁸ HORTA, GRUNBERG & MONTEIRO, op. cit., p. 5.

⁹ FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiência, reflexões e aprendizados.** São Paulo: Papirus, 2003, p. 37-38.

Corroborando com esta ideia, Bernard Charlot em suas pesquisas sobre a relação do indivíduo com o saber, busca “compreender como o sujeito categoriza, organiza seu mundo, como ele dá sentido à sua experiência e especialmente à sua experiência escolar [...], como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio.”¹⁰ Na teoria de Charlot, o sujeito é, ao mesmo tempo, um ser humano singular e social. Assim, é um ser que ocupa uma posição social adquirida por pertencer a um grupo social e, ao longo da vida, produz sentidos e significados sobre si e o mundo, construindo sua particularidade.

Sabe-se que a reconstrução histórica se faz a partir do diálogo com diferentes registros, testemunhos, objetos, paisagens, não exclusivamente com documentos escritos. Neste caso, destaca-se a importância da reflexão acerca da cultura material e imaterial constituída nos espaços urbanos da capital mato-grossense. O Patrimônio Cultural,¹¹ além de ser um instigante tema de atividade escolar, abre possibilidades de conscientização e fortalecimento dos indivíduos com suas heranças culturais, em seus lugares de moradia, possibilitando uma melhor relação com o patrimônio histórico, percebendo-se como sujeito social, responsável pela sua valorização e preservação, bem como, expressões de sentimento de pertencimento.

No Brasil, o órgão governamental que cuida do Patrimônio é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, que nasceu como secretaria durante o governo de Getúlio Vargas, antiga SPHAN, em 1937. Em 1946 passa a se chamar Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, DPHAN¹². Esse órgão vem trabalhando no sentido de concretizar a reconstrução pela sociedade de seu patrimônio histórico-cultural e acredita que a educação é um meio possível de efetivar esse processo.

A educação patrimonial pode ser realizada em vários contextos dos espaços urbanos, mas neste trabalho foi eleito o *Palácio da Instrução*, devido a sua relevância enquanto lugar de memória, portanto, apropriado para complementar as ações desenvolvidas no ambiente escolar, no ensino de história, inserido nos currículos escolares. Para Nora,

¹⁰ CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p.41.

¹¹ Cf. BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A Catedral e a Cidade: uma abordagem da educação como prática social**. Cuiabá: EdUFMT, 1997.

¹² O Serviço do Patrimônio Histórico nasce em 1937 a pedido do então ministro Gustavo Capanema, em 1946 passa a se chamar Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, DPHAN. Em 1970 o DPHAN passa a se chamar Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN.

Os lugares de memória são, em primeiro lugar, lugares em uma tríplice acepção: 1) são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; 2) são lugares funcionais porque tem ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e 3) são lugares simbólicos onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade - se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória.¹³

A disciplina de história tem estreitas ligações com a memória e a formação de identidades, com a Constituição brasileira de 1988, o conceito de Patrimônio Cultural, se amplia na medida em que passou a incluir:

[...] formas de expressão; modos de criar; fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos e documentos; edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.¹⁴

O processo educativo, em qualquer área de ensino e aprendizagem, tem como objetivo levar os alunos a “utilizarem suas capacidades intelectuais para a aquisição e o uso de conceitos e habilidades, na prática, em sua vida diária e no próprio processo educacional. O uso leva à aquisição de novas habilidades e conceitos.”¹⁵

Assim, no primeiro capítulo, procuro apreender a constituição histórica do Palácio da Instrução em Cuiabá, a partir da análise do desenvolvimento do sistema educacional no começo da República brasileira, período de implantação de reformas no ensino, tanto nas mudanças dos métodos considerados tracionais por outros mais modernos, como na construção apropriados ao ensino, em que as primeiras escolas ou salas de instrução, até então, localizavam-se na casa do professor. Nessa época, os governantes passaram a repensar as escolas, criando os Grupos Escolares e as Escolas Normais, implantadas em prédios majestosos como os palácios da instrução, construídos em várias capitais do país.

Para trilhar este caminho histórico, utilizo fontes documentais, como a Ata de lançamento da pedra fundamental do Palácio da Instrução; o Edital de Concorrência para a construção do imóvel; relatórios e mensagens de presidentes do Estado de Mato Grosso;

¹³ NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo: n.10, dez. 1993.

¹⁴ BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988, Artigo 216.

¹⁵ HORTA, Maria de Lourdes Pereira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN; Museu Imperial, 1999.

publicações em jornais, revistas e fotografias. Utilizo a pesquisa bibliográfica para a compreensão da história do Palácio da Instrução e da formação da cidade de Cuiabá. Destaco ainda neste capítulo, a territorialidade e o patrimônio, vinculando a formação histórica da cidade de Cuiabá com o ensino escolar, percebendo o território ocupado, modificado e reterritorializado, discutindo a necessidade de utilizar a educação patrimonial para trabalhar a história local na educação básica.

No segundo capítulo, analiso o uso da história local e regional no processo de ensino-aprendizagem e da educação patrimonial, a partir do trabalho de pesquisa realizada com os alunos do ensino médio da “Escola Primavera”, da rede pública de Mato Grosso, através de aula de campo, fazendo caminhada pelo Centro Histórico de Cuiabá e aula-oficina no Palácio da Instrução. Faço análise dos questionários realizados com os alunos do segundo ano, matriculados no ano letivo de 2017, destacando a importância da educação patrimonial em lugares de memória como o Palácio da Instrução. Foram utilizados os critérios de aula-oficina,¹⁶ com levantamento prévio das ideias dos alunos acerca do Palácio da Instrução, a partir de suas experiências, utilizando as atividades de observação, registro, exploração e apropriação¹⁷.

No terceiro capítulo, analiso a importância de incorporar o uso da tecnologia na educação e apresento o produto desta pesquisa em forma de *aplicativo* que possibilita a visitação virtual ao Palácio da Instrução. Neste aplicativo para aparelhos móveis, intitulado *O PALÁCIO DA INSTRUÇÃO: lugar de ensino, cultura e memória*, o visitante terá acesso às informações sobre o histórico do Palácio; os registros fotográficos; as salas da *Biblioteca Estadual Estevão de Mendonça*; vídeos e informações gerais como: endereço, horário de atendimento e telefone. Considerando que atualmente, alguns museus e bibliotecas estão fazendo uso da alta tecnologia para divulgar seus acervos, e aproximar o público a partir da interatividade, esta proposta se constitui em inovação para a educação patrimonial.

¹⁶ Cf. BARCA, Isabel. Aula oficina, do projeto à avaliação. In: BARCA, Isabel (Org.). **Para uma Educação Histórica de Qualidade. Atas das Quartas Jornadas Internacionais de Educação Histórica.** Braga: CIED, Universidade do Minho, 2004. p.133-144.

¹⁷ HORTA, op. Cit., p. 9.

CAPÍTULO I

O PALÁCIO DA INSTRUÇÃO: lugar de ensino, cultura e memória

Acta de lançamento da pedra fundamental do edifício destinado ao Lyceu Cuiabano e Escola Normal.

Aos 15 dias do mez de maio de 1911, nessa cidade de Cuiabá, capital do Estado de Mato-Grosso, sendo presidente do mesmo o Exmo. Sr. Coronel Pedro Corrêa da Costa, esteve presente grande número de pessoas qualificadas e de populares, notando-se entre aquellas os diretores da Instrução Pública e do Lyceu, Major José Estevão Corrêa e Victorino da Silva Miranda; Desembargador Joaquim Pereira Mendes; T.te Coronel Avelino de Siqueira, intendente do município da Capital; Dr. Salvador Celso de Albuquerque, juiz de direito da capital; Coronel Virgílio Alves Corrêa, Major Amarildo Alves de Almeida e Henrique José Vieira Filho, deputados estadoaes, além de chefes das repartições do Estado, deu-se início às 9 horas da manhã a cerimônia do lançamento da 1^a pedra do edifício mandado construir pelo governo do mesmo Sar. Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa, para nelle funcionarem o referido Lyceu, a escola normal e alguns institutos de ensino primário, observando-se na cerimônia as regras do estylo [...].A convite dos engenheiros Alfredo S. A. de Magalhães, contractante da construção do referido edifício e Miguel C. de Oliveira Mello, procedeu o sr. Presidente do Estado ao acto, uso da palavra o Reverendo P. Dr. Francisco Thomas de Aquino Corrêa, que produziu uma brilhante e substanciosa alocução adequada ao acto sendo calorosamente aplaudido. Seguia-se-lhe com a palavra o Exmo. Snr.Coronel Presidente do Estado, discorrendo sobre o assunto do momento, sendo também a sua oração vivamente applaudida. Em tempo consgino a circunstância de que a pedra foi benta pelo sr. Frei Ambrósio Daydé, da Ordem dos Franciscanos e residente nesta capital. Declaro que também usou a palavra, pronunciando eloquente oração o Sr. Professor Leovegildo Monteiro de Mello, Director da escola Normal e do Grupo escolar do 1º distrito desta capital.¹⁸

No dia 15 de maio de 1911, foi realizado na capital mato-grossense o ato solene de lançamento da pedra fundamental do Palácio da Instrução, onde abrigou o antigo Liceu Cuiabano e a Escola Normal de Cuiabá. Esta solenidade, contou com a presença dos

¹⁸ ACTA de lançamento da pedra fundamental do edifício destinado ao Lyceu Cuiabano e Escola Normal. A Cruz. Cuiabá-MT. 4 jun. 1911.

religiosos frei Ambrósio Daydê¹⁹ e Dom Aquino Corrêa²⁰, de autoridades civis e militares, “pessoas qualificadas” assim denominadas pelo então secretário do governo do Estado de Mato Grosso, José Magno da Silva Pereira, que lavrou a Ata de lançamento da pedra fundamental publicada no Jornal A Cruz, sendo que, sua parte inicial está transcrita na epígrafe.

Neste capítulo, pretendo reconstruir historicamente o processo de construção e funcionamento do Palácio da Instrução, inaugurado em 15 de agosto de 1914, destacando a importância dessa antiga instituição de ensino para a cidade de Cuiabá, capital de Mato Grosso, no início do século XX; bem como, a sua desativação e transformação em espaço cultural e lugar de memória no Centro Histórico de Cuiabá, no final deste mesmo século. Nesta perspectiva, destacar o Palácio da Instrução como objeto de reflexão e análise desse lugar de memória para a educação patrimonial no processo de ensino e aprendizagem da história local e regional.

Segundo Leila Borges de Lacerda, em sua obra Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso, o Palácio da Instrução, sede da atual Biblioteca Estadual Estevão de Mendonça, tombado em âmbito estadual através da Portaria n. 03/1983, é resultado de uma política educacional do início do século XX, conforme comentário da autora a seguir:

A reforma do Ensino de 1910 criou novas escolas e promoveu a construção de suas instalações, uma vez que os estabelecimentos escolares alojavam-se em casas alugadas, impróprias para o seu uso. Assim foi idealizada a construção do “Palácio da Instrução” para a sede da Escola Normal, Escola Modelo, Jardim de Infância e o Liceu Cuiabano, reterritorializando o local do antigo quartel que foi demolido.²¹

O Palácio da Instrução, imponente prédio construído no estilo arquitetônico neoclássico do início do século XX, localizado na Praça da República, no centro de Cuiabá, abrigou no período provincial, no terreno que hoje ocupa o Palácio e seu entorno,

¹⁹ Frei Ambrósio Daydê, nasceu na França no último quartel do sec. XIX, ordenou padre em 1900. Em 1904, chega à Cuiabá. Foi um dos fundadores da Liga Católica e do jornal A Cruz. É o grande responsável pela construção do prédio da Igreja Nossa Senhora do Bom Despacho. Cf. FERREIRA, João Carlos Vicente. Encyclopédia ilustrada de Mato Grosso. Cuiabá: Defante, 2014. p.213.

²⁰ Nasceu em Cuiabá no ano de 1885, numa histórica residência à margem do rio Cuiabá. Foi arcebispo, e governante de Mato Grosso. Foi poeta, escritor e o primeiro mato-grossense a pertencer a Academia Brasileira de Letras. Faleceu em São Paulo em 1956. Cf. Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso (1955 -1976).

²¹LACERDA, Leila Borges de. **Patrimônio histórico cultural de Mato Grosso: bens edificados e tombados pelo Estado e União.** Cuiabá: Entrelinhas, 2008. p.42.

a Unidade Militar Federal, antes denominada de 21º Batalhão de Infantaria. Posteriormente, no Período Republicano foi instalado também o 8º Batalhão de 1876 a 1889. No início do século XX, o amplo terreno abrigava o quartel em ruínas com fachada voltada para o Largo da Matriz e mais duas casas térreas, nos fundos, com frente para a antiga Rua Formosa, hoje Joaquim Murtinho, fazendo esquina com a Travessa da Câmara, hoje João Dias, e também com o Beco da Igreja, hoje, Travessa Frei Macerata. Como descreve Freire: “No Largo da Matriz, o quartel construído ao lado da Igreja, não era nem grande nem belo o edifício era uma construção térrea, com larga entrada principal, ladeada por duas janelas encimada por frontão ligeiramente avançado, em relação a platibanda.”²²

O Edital de concorrência para a construção do imóvel foi publicado no jornal Gazeta Oficial, em 16 de outubro de 1910 com projeto do engenheiro João da Costa Marques, ganhando a Firma Magalhães & Mello, de propriedade de Alfredo Sanerbreon de Azevedo Magalhães e Miguel Carmo de Oliveira Mello.

Conforme publicação no jornal O Debate de 1914,²³ o projeto inicial do Palácio da Instrução, possuía três pavimentos, com a forma em retângulos divididos ao meio, dois corpos principais ligados entre si por três alas de comunicação. Erguer-se-ia na fachada ao centro uma torre em forma de ogiva, com um grande relógio com quatro faces mostradoras, esta torre teria uma altura de 39 metros. Todavia o projeto da fachada foi alterado no governo Costa Marques (1911-1915), por achá-la “bastante monótona e pesada” para o ambiente proposto, segundo relatório de Presidente do Estado de Mato Grosso de 8 de maio de 1912.²⁴

Sendo assim, após discussões acerca do estilo arquitetônico do futuro prédio do Palácio da Instrução, deu início à construção com base em pedra canga e cristal, rocha típica do centro oeste brasileiro, muito utilizada em edificações na região desde os tempos coloniais. Lacerda, ressalta os detalhes arquitetônicos da obra, destacando que “as janelas possuem 2 folhas de almofadas e 2 de vidros ao todo 88, valendo ressaltar os vidros, de fabricação belga, trazendo gravado o Brasão de Mato Grosso, colocados provavelmente após 1918 quando este foi criado.”²⁵

²² FREIRE, Júlio De Lamônica. **Por uma poética da arquitetura**. Cuiabá: EdUFMT, 1997. p. 2-78.

²³ O BEBATE, 15 ago. 1914, p. 3, n. 841

²⁴ MATO GROSSO. **Relatório do presidente José da Costa Marques à Assembleia Legislativa**. 8 de maio de 1912.

²⁵ LACERDA, op. cit., p.42.

Sobre a inauguração do Palácio da Instrução, o jornal O Debate, de 1914, publicou a seguinte notícia:

O edifício que se inaugura tem uma superfície coberta de 1620 metros quadrados, divididos em dois pavimentos, tendo seu primeiro a forma retangular, apresentando a fachada principal um desenvolvimento de 54 metros, por sobre 27 metros de fachada lateral. Tem um pé direito de 13 metros de altura, levantando-se o frontal à 16 metros. Todo o edifício assenta-se em um soco de alvenaria de pedra canga de 0,50 metros, a partir do qual segue-se a maciça alvenaria de tijolo, de que é inteiramente construído. (...) é inteiramente simétrico em relação à linha do centro. Paralelamente à fachada lateral, possui 38 salas, das quais 32 para as necessidades escolares, 04 destinadas aos gabinetes sanitários e toaletes, 01 ocupada pelo embasamento da escada principal, que é propriamente o vestíbulo e um vasto e espaçoso salão, consagrado às solenidades escolares. Salão Nobre. O andar térreo é todo revestido de mosaicos de cimento, de coloração variada, apresentando desenhos diversos e variado. O forro de todas as dependências é de cimento armado, feito de tela metálica, expande metal e de cimento distendido em lençol. As salas de aulas são pintadas de branco com gregas terminais, compondo com singeleza e elegância à necessária decoração.”²⁶

No centro deste edifício, dividido em partes iguais, encontra-se o “salão nobre” espaço de socialização dos alunos, todo pintado de branco à óleo, com forro de cimento armado e diversos painéis de relevo.

De acordo com Sá, o Palácio da Instrução representou, à época, “um contraste no cenário urbano da capital, tendo em vista que nesse período Cuiabá era composta de casas e sobrados antigos feitos de abobe, constituindo um exemplo de como deveria ser a cidade moderna de então.²⁷” Com o prédio pronto foram adquiridos equipamentos e mobiliários da empresa *American Seating Company*, de *New York*, que chegou a Cuiabá via fluvial, sendo transportado de Montevidéu, capital do Uruguai, no estuário do Prata, através da empresa Eduardo Cooper & Filho. A inauguração foi presidida pelo presidente do Estado de Mato Grosso, Joaquim Augusto da Costa Marques e toda cúpula política da época, além de autoridades das áreas do ensino e cultura de Mato Grosso.

O Palácio da Instrução, inaugurado em 1914, traduz a sua suntuosidade, demarcando a paisagem urbana, destacando a importância da educação no período em estudo, localizado na parte central da cidade de Cuiabá, denotando um passado carregado

²⁶ O BEBATE, 15 ago. 1914, p. 3, n. 841.

²⁷ SÁ, Nicanor Palhares; SÁ, Elizabeth Figueiredo de. A escola pública primária mato-grossense no período republicano (1900-1930). In: **_ Revisitando a história de escola primária: os grupos escolares em Mato grosso na Primeira República.** Cuiabá: EdUFMT, 2007. p.125.

de história, cultura e memória, conforme imagem na Figura 1 do Palácio recém-inaugurado.



Imagen captada em 1914, com o observador posicionado onde hoje está localizada a Praça da República demonstrando o Palácio da Instrução, recém-inaugurado.

Fonte: Álbum Gráfico do Estado de Matto Grosso, 1914.

Figura 1. Palácio da Instrução. Fonte: Álbum Gráfico do Estado de Matto-Grosso, 1914.

Segundo Santos e Silva “A paisagem urbana é uma mistura de arte e ciência concebida a partir de uma composição espacial sujeita a valores e princípios filosóficos inerentes à sociedade à qual pertence.”²⁸ É onde se configura a sociedade e são produzidos os acontecimentos históricos e as transformações socioeconômicas. Como afirma Bonametti:

As paisagens urbanas não devem ser lidas somente por meio daquilo que vemos, mas também por meio daquilo com que nos identificamos; por meio daquilo que não conseguimos ver, mas sentimos. As paisagens urbanas devem ser fundadas nos objetos, na luz, na cor, nos sons e na

²⁸ SANTOS, Vladimir Aparecido e SILVA, Charlei Aparecido. **A paisagem urbana e o clima urbano de cidades de médio porte do centro-oeste brasileiro, Dourados (MS) e Rio Verde (GO).** v. 1 (2017): EBOOK.

história, [...] onde as tentativas de surpreender o brilho intenso e a delicada beleza estão presentes nas primeiras impressões e na memória das cidades²⁹.

Nesse sentido, uma paisagem com características próprias é entendida como cidade, conforme Bonametti, “ [...] é compreensível que na sua construção ocorram a renovação das morfologias antigas e a criação de novas que venham atender aos novos estilos de vida que lhes são atribuídos em cada momento histórico”³⁰. Sendo assim, ocorrem alterações nos critérios de organização porque sofrem modificações com a evolução da sociedade. A Constituição de 1988 traz a paisagem como um bem patrimonial, onde estabelece como “Patrimônio Cultural Brasileiro, entre outros, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.”³¹

Os grupos escolares e o Palácio da Instrução

O Palácio da Instrução nasceu como escola, e a partir da organização desse espaço escolar, do tipo de construção adotado no referido prédio, o que foi seguido também em várias cidades brasileiras, está presente a intencionalidade da proposta da Primeira República, de implantação de reformas no ensino, tanto nas mudanças dos métodos considerados tradicionais por outros mais modernos, como na construção de prédios apropriados ao ensino.

A promulgação de uma nova constituição em 1891, reafirmou a descentralização do ensino como já acontecia desde 1834 através do Ato Adicional, durante o período regencial; a União ficava responsável pelo ensino superior e secundário e os Estados responsáveis pelo ensino primário e profissionalizante, conforme afirma Romanelli:

A constituição de 1891, que instituiu o sistema federativo de governo, consagrou também a descentralização do ensino, ou melhor, a dualidade de sistemas, já que, pelo seu artigo 35, itens 3º e 4º, ela reservou à União o direito de criar instituições de ensino superior e secundário nos Estados, (...) delegava aos Estados competências para prover e legislar sobre educação primária³².

²⁹ BONAMETTI, J. H. **A ação do IPPUC na transformação da paisagem urbana de Curitiba a partir da área central.** 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2001. p. 4.

³⁰ Ibidem.

³¹ BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. p. 42.

³² ROMANELLI, Otaíza O. História da Educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 8ª ed. 1986. p. 42.

Em Mato Grosso, no final do século XIX, existiam as escolas isoladas, assim como em todo Brasil, eram instituições públicas, mas funcionavam na própria casa do professor ou em prédios alugados. Mais tarde, criaram as escolas reunidas, colocando as escolas isoladas da mesma região em um único prédio, como estabelecia no Art. 38º do Regulamento de Mato Grosso do ano de 1910: “Que nas sedes de distritos em que houver pelo menos seis escolas primárias no perímetro fixado para a obrigatoriedade de ensino, o governo poderá, reunindo-as, fazê-las funcionar em um só prédio”³³.

Com um agrupamento maior de turmas as escolas reunidas transformariam em grupos escolares. Nesse contexto, ocorreu a implantação do ensino simultâneo – em que um único professor trabalhava simultaneamente com todos os alunos da classe. O anuário de ensino de São Paulo de 1923, assim caracteriza as escolas reunidas:

[...] as escolas reunidas são grupos escolares em pontos pequenos, dos grupos elas gozam quase todas as vantagens, desde as relativas à maior facilidade de matrícula, e frequência, até as que dizem respeito à uniformidade do regime disciplinar e dos métodos e processos de ensino. Acrescentem a estas, outra regalia qual a de serem as escolas reunidas um estabelecimento econômico, não só quanto ao ordenado dos professores como a modéstia dos prédios e instalações³⁴.

A partir de 1910, os grupos escolares aperfeiçoaram o método intuitivo e seriado, aliado ao discurso de reforma social e de difusão da educação popular, divulgando as ideias do governo republicano, como a gratuidade do ensino. Sobre o método intuitivo o Regulamento da Instrução Pública Primária de Mato Grosso no Art. 12º determinava que:

O ensino nas escolas primárias será tão intuitivo e prático quanto possível, devendo nele o professor partir sempre em suas preleções do conhecido para o desconhecido e do concreto para o abstrato, e abstendo-se outrossim de perturbar a inteligência da criança com o estudo do prematuro de regras e definições, mas antes, esforçando-se para que os seus alunos, sem se fatigarem tomem interesse pelos assuntos de que houver de tratar em cada lição³⁵.

³³ MATO GROSSO. **Regulamento da Instrução Pública Primária do Estado de Mato Grosso, Pedro Celestino Corrêa da Costa.** Cuiabá, 22 out. 1910. p.124. Este Regulamento foi oficializado pelo Decreto nº 265. Documento publicado no jornal Gazeta Oficial. A publicação original no jornal se encontra no Arquivo Público de Mato Grosso e no livro 213, p. 119 a 153.

³⁴ BRASIL. **Anuário de ensino do estado de São Paulo,** 1923. p.157.

³⁵ MATO GROSSO. **Regulamento da Instrução Pública Primária do Estado de Mato Grosso, Pedro Celestino Corrêa da Costa.** Cuiabá, 22 out. 1910. Este Regulamento foi oficializado pelo Decreto nº 265.

Em Cuiabá, a partir de 1910, com o Regulamento da Instrução Pública Primária de Mato Grosso e a Mensagem do Presidente Pedro Celestino Correa da Costa à Assembleia Legislativa, teve início ao processo de implantação de dois grupos escolares em espaço privilegiado e investimentos públicos, sendo construído na região central o Grupo Escolar Barão de Melgaço, no Palácio da Instrução, e o Grupo Escolar Senador Azeredo da Silveira, no Porto, onde hoje funciona a Casa do Artesão.

Anterior à instalação dos grupos escolares já havia ocorrido a instalação da Escola Normal em Cuiabá, conforme relata Ferreira em sua obra Enciclopédia Ilustrada de Mato Grosso, “no dia 3 de fevereiro de 1875 foi instalada a primeira Escola Normal do Estado de Mato Grosso.”³⁶ Não obtendo êxito neste período, ressurgindo em 1879, quando foi criado o Liceu Cuiabano, através da Lei nº. 536, sendo que nesta instituição abrigava tanto o curso de Ciências e Letras quanto a Escola Normal.

Havia uma preocupação do Presidente do Estado de Mato Grosso, Pedro Celestino Corrêa da Costa, com o ensino e a falta de profissionais capacitados para lecionar na escola primária. Essa preocupação era visível conforme a Mensagem deste presidente, em 1910, onde relatou que:

O cenário educacional de Mato Grosso, composto por 85 escolas, entretanto, apenas funcionavam 70, conservando-se as outras fechadas por falta de professores ou de frequência escolar. Adicionando-se a este número as recentemente criadas, eleva-se o total a 104, das quais algumas dependem ainda de instalação.³⁷

Com a criação do Palácio da Instrução, os dois estabelecimentos de ensino deixaram seu antigo prédio na Praça Ipiranga e mudaram para o Palácio que atendia aos conceitos da época, junto com outros edifícios institucionais de estilo neoclássico ou eclético, com fachadas, colunas, janelas e pé direito altos, bem ventilados para o clima da região, seguindo o manual do educador norte americano *Henry Banard*, publicado em 1854, recomendando a precisão das dimensões, as aberturas e demais detalhes exigidos para a construção de uma sala de aula e a localização de uma escola.

Na fase áurea de implantação dos grupos escolares, os terrenos eram muito bem escolhidos e os prédios suntuosos, “situados em regiões nobres, esses edifícios marcam

³⁶ FERREIRA, João Carlos Vicente. **Enciclopédia ilustrada de Mato Grosso**. Cuiabá: Defante, 2014. p. 233.

³⁷ MATO GROSSO. **Mensagem do Presidente de Mato Grosso, Pedro Celestino Corrêa da Costa à Assembleia Legislativa**. Cuiabá, 1910. p.8.

definitivamente, pela imponência e localização, seu significado no tecido urbano.”³⁸

Os prédios escolares passaram a fazer parte das discussões do final do século XIX e início do século XX, no começo do período republicano, as quais tinham como pautas centrais a urbanidade, a questão da higiene e a necessidade do acesso à educação para todos, além disso, era responsabilidade do estado brasileiro manter e financiar o sistema educacional. O prédio do grupo escolar deveria apresentar uma simetria bilateral, para ser organizado em duas seções: masculinas e femininas; ficando em lados opostos e separados por um pátio interno, com compartimentos espaçosos, arejados, com amplas janelas, em que a claridade incidisse na carteira do aluno. Poderia ter de oito a doze salas de aulas, além das salas de depósito, galpões e gabinete do diretor.

Segundo Ferreira, a Escola Normal, no início do século XX,

Recebeu uma nova ordenação pedagógica, centrada nos princípios da Escola Nova, nascida na Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo. Para implantar essa nova sistêmica, o então presidente do Estado de Mato Grosso, Pedro Celestino Corrêa da Costa, ofereceu a mais significativa reforma de ensino, aprovada no ano de 1910. Diante disso, convidou alguns jovens paulistas para, em Cuiabá e no interior do Estado, colocar em prática essa nova metodologia, dentre eles, Valdomiro Campos, Leovegildo Martins de Mello e Gustavo Kulmann. Além da Escola Normal, foi criada anexa a ela, no primeiro Grupo Escolar Barão de Melgaço, a Escola Modelo, onde os princípios teóricos eram colocados em prática³⁹.

Conforme o artigo nº 141 do Regulamento da escola Normal de 1910: “A Escola Modelo é destinada à prática pedagógica dos alunos dos 2º e 3º anos do curso Normal e servirá de modelo para todos os grupos escolares e escolas isoladas do Estado.”⁴⁰ Ainda no mesmo Regulamento da Escola Normal de 1910⁴¹, determina que os alunos da Escola Modelo Barão de Melgaço, teriam as professoras normalistas, no curso primário, colocando em prática os conhecimentos adquiridos na Escola Normal e comenta sobre os exames de admissão tanto para ingressar no curso ginásial no 5º ano como no segundo grau.

³⁸ BUFFA, Ester; PINTO, Gerson Almeida. **Arquitetura e educação: Organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas (1890-1930)**. São Carlos, Brasília: EdUFSCar, INEP, 2002. p. 43-44.

³⁹ FERREIRA, João Carlos Vicente. **Enciclopédia ilustrada de Mato Grosso**. Cuiabá: Defante, 2014. p. 213.

⁴⁰ MATO GROSSO. **Regulamento da Escola Normal, do Presidente de Mato Grosso, Pedro Celestino C. da Costa**. Cuiabá, 1910. p. 169.

⁴¹Ibidem.

Na figura 2, mostra-se uma turma de alunos da Escola Modelo Barão de Melgaço, em dezembro de 1941.



Figura 2. Alunos da Escola Modelo Barão de Melgaço. Dezembro de 1941. Quadro de honra Fonte: Adelina de Arruda Winter. Facebook - Grupo Cuiabá de antigamente. 11 de agosto de 2017.



Figura 3. Palácio da Instrução, década de 1940, localizado no centro de Cuiabá-MT. Fonte: <http://www.imgur.org/user/cuiabaantiga>

Nilza Pinto Queiróz, ex-aluna da Escola Modelo, em depoimento para a Revista

do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, relata suas memórias sobre sua vida escolar, confirmando a permanência das disposições do Regulamento da Escola Normal de 1910:

Em 1940 fui matriculada na Escola Modelo Barão de Melgaço, dirigida pela prof. ^a Alina Nascimento Tocantins, já falecida. Ao que sei, a referida escola era o modelo para as demais. (...) novamente, na escola do Estado – Colégio Estadual de Mato Grosso, após ser submetida à prova escrita e oral, com redação, banca examinadora, inspetor federal e até convidados. Nada de prova marcada com X. No primeiro semestre, a escola funcionava no Palácio da Instrução, no segundo fomos transferidas para a Praça Gal. Mallet, na imponente escola, construída pela firma Coimbra Bueno, contratada no Governo Júlio Muller.⁴²

Na Mensagem à Assembleia Legislativa o Presidente do Estado D. Francisco de Aquino Correa em 7 de setembro de 1920, verifica-se que o ensino primário é ministrado em grupos escolares e escolas isoladas, “incluindo a Escola Modelo anexa à Normal, desta cidade, são cinco os grupos escolares do Estado, funcionando: 2 na capital, 1 em Poconé, 1 em Rosário e 1 em S. Luís de Cáceres [...] e as escolas isoladas são em número de 148”⁴³.

Em 20 de janeiro de 1932 a Escola Normal recebeu a denominação de Pedro Celestino pelo decreto nº 132 do interventor federal Leônidas Anthero de Barros; o Liceu Cuiabano permaneceu no Palácio da Instrução até 1946 quando foi transferido para a Praça General Mallet, no prédio construído pelo interventor Júlio Muller que passou a ser denominado Colégio Estadual Mato Grosso, sendo que em 1979, no governo Cássio Leite de Barros retomou o seu nome original; a Escola Modelo, em 13 de junho de 1924 já havia recebido a denominação de Barão de Melgaço, no governo de Pedro Celestino Corrêa da Costa.

Em agosto de 2017, ao visitar o grupo *Cuiabá de Antigamente* na rede social do *facebook*, vários ex-alunos do Palácio da Instrução deram seus depoimentos neste canal de comunicação, através de comentários em imagens do local que ali foram postadas. Aproveitei o canal de comunicação e fiz algumas perguntas aos internautas, me

⁴² QUEIROZ, Nilza Pinto. A escola que vivi. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso –IHGMT**. Cuiabá, Tomos CXXXV-CXXXVI, 1991. p. 55-60.

⁴³ MATO GROSSO. Mensagem à Assembleia Legislativa do Presidente D. Francisco de Aquino Correa. 7set. 1920. p. 32.

identificando como professora-pesquisadora, mestrande do ProfHistória/UFMT, sobre o Palácio da Instrução e sua história, logo as postagens referentes a Escola tornaram-se recorrentes, contribuindo para esta análise. Descrevo aqui o comentário de Maria do Carmo M. da Silva⁴⁴, de 19 de maio de 2017 sobre o Palácio da Instrução: “Ali funcionou a Escola Técnica de Contabilidade e guardo maravilhosas lembranças. Como foi bom conviver com muitos colegas especiais no ano de 1954 a 1956”; já a ex-aluna Glorinha Castro de Campos⁴⁵, em 10 de setembro de 2017, na postagem comentou: “Estudei nesse Palácio da Instrução no período de 1928 a 1938, fiz os 4 anos do primário, 2 do complementar e 4 do Normal Pedro Celestino”. Outro comentário que chamou a atenção foi o de Waldomiro Lopes⁴⁶, em 13 de maio de 2017, pois além de falar sobre o ensino e as professoras, ainda fez alusão a uma “assombração” que diziam ter no andar superior: “Ali fiz o curso primário de 1958 a 1961, saudades de todas minhas professoras Annelise H., Alvacelis H., Alzira M., Marcelina C., e muitas outras [...] Local onde tive minhas primeiras instruções”.

Enfim, o Palácio da Instrução teve sua trajetória como escola por 57 anos, conforme dados da Secretaria Estadual de Cultura (SEC),⁴⁷ abrigou as escolas Liceu Cuiabano, Normal, Modelo Barão de Melgaço e o Museu de História Nacional e Antropologia. Instalou-se, também, nas dependências do Palácio, o Arquivo Público e as Secretarias de Interior e Justiça, além de sediar a Fundação Cultural de Mato Grosso e a Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça.

Sobre o papel social do Palácio da Instrução, Cunha afirma que:

O projeto do “Palácio da Instrução”, em Cuiabá, atendeu rigorosamente no aspecto social, à organização capitalista de escola, já que a questão republicana prioritária não era prover de ensino um grande número de alunos (embora o discurso fosse de educação popular), mas sim, levar o conhecimento a alguns poucos privilegiados, mantendo-os entre as paredes das salas de aulas, submetidos ao olhar vigilante do professor o tempo necessário para terem seu caráter domado e seu comportamento

⁴⁴ SILVA, Maria do Carmo M. **A importância do Palácio da Instrução de Cuiabá.** 19 de mai. 2017. Post do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/Cuiabanos/search/>>. Acesso em: 2 de nov. 2017.

⁴⁵CAMPOS, Glorinha de Castro. **Palácio da Instrução.** Post do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/Cuiabanos/search/?query=palácio>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

⁴⁶LOPES, Waldomiro. **Palácio da Instrução.** Post do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/Cuiabanos/search/?query=palacio>>. Acesso em:22 mai. 2018.

⁴⁷ MATO GROSSO, Secretaria Estadual de Cultura. <<http://www.cultura.mt.gov.br/-/palacio>>. Acesso em: 10 set. 2017>.

convenientemente formado, até que fossem transformados em cidadãos e trabalhadores educados, de bom caráter e lhes fossem atribuídas qualidades servis, mostrando-se preparados para ocupar cargos de mando e no mercado de trabalho que surgia.⁴⁸

Na fachada do Palácio da Instrução, como mostra a figura 4, observa-se o frontão na entrada principal do edifício e os símbolos da República representados pelo dístico da bandeira nacional. O prédio está incorporado à vida e à paisagem urbana fazendo parte do Centro Histórico de Cuiabá, o que qualifica o processo de conservação do patrimônio histórico da cidade.



Figura 4. Frontão do acesso principal ao prédio do Palácio da Instrução e os símbolos da República na fachada. Fonte: hermelindaprojetos.blogspot.com

O Palácio da Instrução foi tombado para integrar o Patrimônio Histórico e Artístico Estadual através da Portaria nº 3/1983, conforme consta no Diário Oficial de 2 de maio de 1983:

⁴⁸ CUNHA, Eduardo Ferreira da. **Grupo Escolar:** Escola Normal e Escola Modelo “Palácio da Instrução de Cuiabá” (1900-1915): Arquitetura e paisagismo. Dissertação de Mestrado. UFMT, 2009. p. 59.

Considerando o valor arquitetônico do prédio do Palácio da Instrução existente nesta capital, na Praça da República, Considerando que o imóvel em questão teve sua construção iniciada no governo do Dr. Pedro celestino C. da Costa em 1911 e concluída em 1913, sendo inaugurada em 15 de agosto de 1914, [...] considerando a grande significação desses bens imóveis para o patrimônio histórico cultural de Mato Grosso e a necessidade imprescindível de conservar e preservar o conjunto arquitetônico por eles formado, baseado no princípio de salvar os nossos monumentos patrimoniais, resolve: I- Ficam tombados como de interesse para o patrimônio histórico e artístico do Estado o prédio do Palácio da Instrução e o do antigo Tesouro do Estado, respectivamente, para ainda permaneça no primeiro e seja instalado no seguinte a sede da Fundação Cultural de Mato Grosso.⁴⁹

O Palácio da Instrução e o Patrimônio Histórico e Artístico Estadual

O governador do Estado de Mato Grosso requereu as instalações do Palácio da Instrução em 1971, para sediar naquele espaço outras secretarias, conforme documentação interna da Coordenadoria de Patrimônio Cultural e bens tombados da Secretaria Estadual de Cultura:

Pedro Pedrossian, então governador do Estado de Mato Grosso, em expediente nº 93/70, de 10 de março de 1970, dirigido ao Presidente Emílio Garrastazu Médici, solicitou, com base no decreto Lei nº 178, de 16 de fevereiro de 1967, a cessão do imóvel do Palácio da Instrução, que na ocasião funcionava a Escola Modelo Barão de Melgaço, o Grupo Escolar José Magno e Ginásio José Mesquita com curso noturno. Sendo desalojadas do prédio em 1971, que foi remodelado para a instalação das Secretarias do Interior e Justiça e Segurança Pública, ficando ali até 1975, quando foi escolhido este espaço para sediar a Fundação Cultural de Mato Grosso, hoje Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso (SEC).⁵⁰

Além da Fundação Cultural de Mato Grosso no prédio do Palácio da Instrução também foi instalada a Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça, que conforme dados da Secretaria Estadual de Cultura,⁵¹ foi fundada em 26 de março de 1912, e funcionava na Rua Joaquim Murtinho, n.8, no Centro de Cuiabá sendo em 1975, transferida definitivamente para o térreo do Palácio da Instrução, e no pavimento superior foram instalados o Museu de História Natural e Antropologia e o Museu Histórico.

⁴⁹ DIÁRIO OFICIAL. Portaria nº 3/1983. Cuiabá, 2/5/1983. p.11.

⁵⁰ MATO GROSSO. Secretaria Estadual de Cultura. Palácio da Instrução. Documentação interna da coordenação do Patrimônio Cultural do Palácio da Instrução. 1983.fl.6.

⁵¹ MATO GROSSO. Secretaria Estadual de Cultura. <http://www.cultura.mt.gov.br/-biblioteca>

Uma das providências mais importantes da Fundação Cultural de Mato Grosso, foi a elaboração de uma legislação de defesa do patrimônio histórico e artístico do Estado sob a Lei nº 3.774, de 20 de setembro de 1976.

Em 1995 foi criada, a Secretaria de Estado de Cultura, pela Lei Complementar nº 36, de 11 de outubro de 1995, com a competência de:

Planejar, normatizar, coordenar, executar e avaliar a política cultural do Estado, compreendendo a pesquisa histórica, a preservação do patrimônio histórico e arquitetônico, concepção, formulação, normatização e gestão de fundos especiais destinados ao desenvolvimento da cultura no estado.⁵²

Assim, subordinada à Secretaria de Estado de Cultura, a Biblioteca Pública foi criada para apoiar o ensino e conservar as tradições históricas do Estado e, ao longo do tempo foi progredindo e se adaptando ao crescimento da cidade e do seu acervo. “É uma instituição sem fins lucrativos cuja missão é reunir e preservar o patrimônio cultural e a memória do Estado de Mato Grosso, democratizando o acesso à informação.”⁵³ Em 1982, recebeu o nome de Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça,⁵⁴ homenageando o seu primeiro diretor e organizador.

Considerando a importância da Biblioteca para os estudantes e para a comunidade é imprescindível questionar “o que será das bibliotecas de pesquisa diante de maravilhas tecnológicas como o Google?”⁵⁵ Atualmente há um esvaziamento das bibliotecas públicas, os “estudantes modernos” fazem, cada vez mais, suas pesquisas em computadores, tablets e celulares. Darnton afirma que “uma mídia não toma o lugar de outra, ao menos a curto prazo.”⁵⁶ Assim, os jornais não acabaram com os livros, a televisão não acabou com o rádio, a internet não fez com que as pessoas abandonassem a televisão. Na educação se faz necessário utilizar as mídias impressas ou digitais de maneira que favoreça a aprendizagem dos alunos, uma vez que elas coexistem entre si, mas logo se tornam obsoletas, dando lugar a novas invenções.

Nesta perspectiva, Darnton, observa que:

⁵² MATO GROSSO. **Regimento Interno da Secretaria de Estado de Cultura (SEC).** 13 jun. 2017.

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ FERREIRA, João C. Vicente. **Enciclopédia ilustrada de Mato Grosso.** Cuiabá: Defante, 2014. p.91.

⁵⁵ DARNTON, Robert. O panorama da informação. In: A questão dos livros: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p.39.

⁵⁶ Ibidem, p.14.

O futuro, seja ele qual for, será digital. O presente é um momento de transição, onde modos de comunicação impressos e digitais coexistem e novas tecnologias tornam-se obsoletas rapidamente. Já estamos assistindo ao desaparecimento de objetos antes familiares: a máquina de escrever, agora relegada a antiquários; o cartão-postal, uma mera curiosidade; a carta manuscrita, além das capacidades da maioria dos jovens, incapazes de escrever em letra cursiva; o jornal diário, extinto em muitas cidades; a livraria local, substituída por redes, por sua vez ameaçadas por distribuidores on-line como a Amazon. E a biblioteca?⁵⁷

Assim, “buscando acompanhar o avanço tecnológico, em 2004, como parte da política do Governo Blairo Maggi de modernização do Estado e de suas instituições, a Biblioteca Estadual Estevão de Mendonça foi totalmente revitalizada com modernos serviços, equipamentos e novos acervos”⁵⁸.

Isso veio reforçar a ideia da necessidade de proteger o acervo da Biblioteca Estadual e abastecer com material impresso, além da sua informatização. Com a restauração, foram revitalizadas portas, janelas, escadarias, muros, balaústres, sacada, vidros trabalhados com o brasão de Mato Grosso, enfim todo o conjunto arquitetônico mutilado em sua originalidade e corroído pela ação do tempo.

Conforme dados da documentação interna da coordenaria do patrimônio Cultural e bens tombados da Secretaria Estadual da Cultura,⁵⁹ a reforma ficou por conta da empresa Schuring & Schuring Ltda, escolhida pela AMPA-Associação Mato-Grossense dos Produtores de Algodão, para a recuperação do Palácio, representada pelo seu diretor Benedito Eliseu Schuring. Os recursos foram doados pelos cotonicultores que em parceria com o governo do Estado garantiram o restauro completo do Palácio da Instrução. A recuperação foi assegurada num protocolo de intenção firmado pelo presidente da AMPA, José Pupim e a Secretaria de Cultura, assinado em abril de 2003.

Sobre os lugares de memória, Pierre Nora considera que “eles nascem do sentimento de que não há memória espontânea.”⁶⁰ Com o passar do tempo, um grupo social acaba, inevitavelmente, tendo de remodelar suas estruturas e entrar em

⁵⁷ Ibidem, p.16.

⁵⁸ ORTIZ.Wesllen. **O Palácio da Instrução e Biblioteca Estadual**. Disponível em: <<https://cuiaba.wordpress.com/2008/10/23/palacio/>>. Acessado em 18 de jun. de 2018.

⁵⁹ MATO GROSSO. Secretaria Estadual de Cultura. Documentação interna da Coordenaria do Patrimônio e bens tombados. 1983. fls. 39 a 62.

⁶⁰ NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo: n.10, dez. 1993. p. 13.

conformidade com parâmetros sociais vigentes. Mas, para evitar que isso altere drasticamente as particularidades de seu meio, os indivíduos criam mecanismos para conservá-las. Nesse ponto, as bibliotecas, arquivos e museus surgem como espaços de memória, uma vez que primam por manter preservadas a produção intelectual, histórica e cultural de uma coletividade sob a forma de registro.

De acordo com Le Goff, “assim como o passado não é a história, mas o seu objeto, a memória também não é a história, mas um dos seus objetos e nível elementar na elaboração histórica.”⁶¹ A memória é responsável pela ligação entre presente e passado, de como se constituiu esse passado e de que maneira ele fundamentou o presente, sendo importante resgatar memórias por meios dos monumentos, histórias de seus moradores, e pelos próprios acontecimentos locais. Para Circe Bittencourt, “a memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores quanto para o ensino.”⁶²

O ato de recordar toma o sentido simbólico de dar imortalidade aos feitos dos seres humanos que utiliza a memória como “propriedade de conservar certas informações, que permite ao ser humano atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”⁶³ e, a partir dessas informações, contar e escrever a história. Além disso, para Nora “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado.”⁶⁴ Nora também menciona a memória tomada como história, a chamada história-memória, na qual tudo que se chama memória, na verdade já seria história, uma memória que precisa ser pensada a partir dos lugares de memória, a fim de reconstituir novas identidades: “são lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos.”⁶⁵

Instalada nas dependências do Palácio da Instrução, a Biblioteca Estadual Estevão de Mendonça, possui um valioso acervo, disponível para pesquisas e leituras nas salas da Biblioteca e empréstimo domiciliar, renovação e devolução, de acordo com os critérios da Instrução Normativa da Secretaria de Estado de Cultura de 2016.⁶⁶ O acervo

⁶¹ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: 1990. p. 40.

⁶² BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004. p.168.

⁶³ LE GOFF, op. cit., p. 366.

⁶⁴ NORA, op. cit., p.9.

⁶⁵ Idem, ibid. p.14.

⁶⁶ MATO GROSSO. **Instrução normativa da Secretaria de Estado de Cultura**. n.1. 30 set. 2016.

está dividido nas salas de acordo com as temáticas, dispostas nas vertentes: literárias, técnicas e didáticas sendo composto por, aproximadamente 100 mil volumes, entre livros, folhetos, revistas, jornais, mapas, discos em vinil, fitas de vídeo, DVD, CDs, livros em braile, obras raras e documentos avulsos, como mostra a figura 5.

O acervo da Biblioteca Estadual Estevão de Mendonça pode ser consultado parcialmente através de uma página na internet⁶⁷, acessando um link disponível no site oficial da Secretaria Estadual da Cultura⁶⁸. Além do acervo, acessível à comunidade, a biblioteca possui salas com oficinas, abertas para o público em geral.

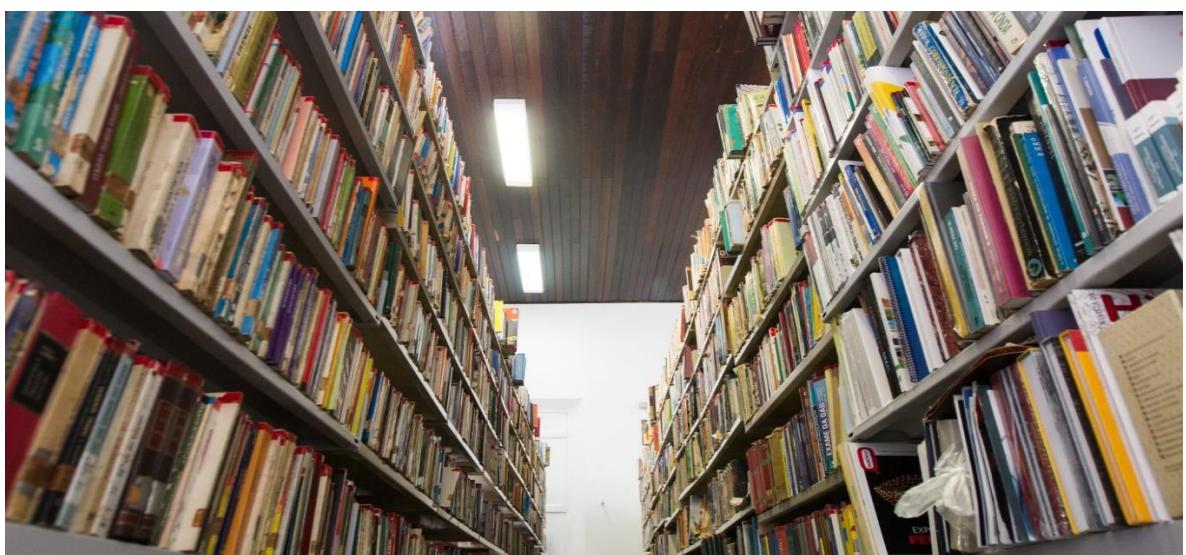


Figura 5. Acervo da Biblioteca Estadual Estevão de Mendonça. Fonte: Secretaria de Estado e Cultura, postado em 25/12/2016.

O acervo está dividido por seções, conforme dados do site da Secretaria Estadual da Cultura⁶⁹, como mostra o quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Salas de Acervo da Biblioteca Estadual Estevão de Mendonça, instalada nas dependências do Palácio da Instrução, desde o ano de 1975.

| | |
|------------------|---|
| SALA MATO GROSSO | Com uma vasta coleção de obras que retratam a cultura, a história, a geografia e as belezas naturais do Estado, abriga obras de consagrados autores mato-grossenses, como Estevão e |
|------------------|---|

⁶⁷ <http://www.bibliotecapublica.mt.gov.br>

⁶⁸ www.cultura.mt.gov.br

⁶⁹ Mato Grosso. Secretaria Estadual de Educação. Biblioteca Estadual Estevão de Mendonça. 2016. Disponível em: www.cultura.mt.gov.br. Acesso em 20/03/2018.

| | |
|-----------------------------|---|
| | Rubens de Mendonça, Lenine Póvoas, Virgílio Corrêa Filho, entre outros. |
| SALA DE OBRAS RARAS | Possui uma coleção com mais de três mil volumes que versam sobre questões políticas, sociais, culturais, econômicas e científicas do Brasil e do mundo. São livros, folhetos, periódicos, em português, francês, italiano, alemão e espanhol, datando dos séculos XVIII, XIX e XX. O trabalho de Preservação do Acervo de Obras Raras inclui higienização do ambiente e identificação das obras Raras visando sua preservação através da digitalização. |
| SALA INDÍGENA | Esta sala foi criada com a intenção de auxiliar os educadores e gestores escolares, pautando-se na Lei 11.645/08 – que obriga o ensino de arte e cultura indígena nas escolas de todo o país, com exposição permanente de artefatos e mais de 500 obras literárias de temática indígena. |
| SALA AFRO | Possui um acervo específico sobre a cultura dos povos africanos, abordando as questões raciais, as ações afirmativas em torno da igualdade, biografias de afrodescendentes que se destacaram na sua luta pela liberdade e igualdade. |
| SALA DE LITERATURA | Nesse espaço o leitor encontrará os mais diversos gêneros literários: ensaio, biografia, humor, novela, romance, carta, crônicas e contos de autores nacionais e internacionais. Também há ilustrações da Cuiabá antiga, livros ricos em fotos da fauna e flora local, revistas, recortes, folhetos e documentos da história mato-grossense. |
| SALA DE LITERATURA INFANTIL | Equipado para o atendimento infantil com obras da literatura infanto-juvenil. |
| SALA DE PERIÓDICOS | Têm diversos exemplares de revistas, jornais, folhetos, boletins informativos, folders dos mais variados tipos de assuntos. |
| SALA DE ACERVO GERAL | Onde tem o acervo geral da biblioteca, é muito frequentada por estudantes de todos os níveis, esta sala possui obras de referência em várias áreas do conhecimento, bem como dicionários, enciclopédias, biografias, atlas, almanaque, anuários, recortes, livros técnicos e mapas. É o espaço ideal para fazer pesquisas. |
| TELECENTRO | É uma unidade de inclusão digital que oferece cursos gratuitamente para a comunidade. O acesso à internet é gratuito e conta com a orientação de monitores habilitados na área de |

| | |
|-------------------|---|
| | informática. |
| SALA ATELIÊ LIVRE | O Ateliê Livre Osvaldina dos Santos, tem aulas diárias gratuitas de desempenho e pintura, abertas para o público em geral, além de livros técnicos e de referência de algumas obras de artistas plásticos locais. |
| ACERVO BRAILLE | Este acervo funciona desde 1987 e é coordenado pelo funcionário Manoel Pinto Moraes. Ele atende o público com informações e orientações especializadas, além de ministrar periodicamente cursos de Braille e Sorobã (instrumento de cálculo), promovendo o acesso dos deficientes visuais à clássicos da literatura nacional. O acervo disponibiliza uma máquina de escrever em Braille acompanhada de uma impressora, e conta com obras literárias impressas e clássicos em CD, como: “Vida e Morte Severina” e “A Moreninha”, Geografia da América, História Geral – descobrimento da Índia, Bíblia Sagrada – Antigo Testamento, Código Penal e Constituição de 1988. |
| SEBIP | Na Biblioteca Pública funciona o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Estado de Mato Grosso, SEBIP-MT, onde o principal objetivo é promover a dinamização e organização das bibliotecas públicas municipais. Uma das iniciativas é o Programa de Qualificação das Bibliotecas Públicas, oferecido pela Fundação Biblioteca Nacional – FBN, feito para capacitar os agentes de leitura para melhor atendimento e funcionamento de sua biblioteca. Também é de competência do SEBIP-MT o cadastramento e recadastramento de todas as bibliotecas Públicas Municipais, escolares e comunitárias, bem como a distribuição de livros enviados pelo Ministério da Cultura. |

Fonte: Mato Grosso. **Secretaria Estadual de Educação. Biblioteca Estadual Estevão de Mendonça.** 2016. Disponível em: www.cultura.mt.gov.br. Acesso em 20/03/2018.

Cidade e educação patrimonial na história local

Ensinar História requer do professor a necessidade de buscar sentido e significado para o conhecimento que ministra. Assim, o ensino da história local e regional possibilita a utilização da cidade como prática pedagógica, observando a configuração espacial,

fazendo registros das novas leituras de suas ruas, praças, monumentos, casarões, cores e sons, conferindo o que a cidade está falando para os seus moradores que caminham, trabalham e vivenciam o dia a dia. Nesse ponto, o patrimônio cultural representa uma alternativa significativa para dinamizar o ensino de história e despertar o interesse dos alunos.

Nesse sentido, Rachel Rolnik ressalta que:

A cidade, por excelência, produz e contém documentos, ordens, inventários. Isso caracteriza historicamente o seu processo de formação. A arquitetura urbana também cumpre este papel de escrita, de texto que se lê da mesma maneira que se lê um processo, um relato de um viajante. O espaço é, portanto, sua fonte, uma das fontes essenciais ou um tipo de notação fundamental para quem trabalha com história urbana.⁷⁰

A cidade, conforme Rachel Rolnik⁷¹, constitui um grande texto urbano que aloja outros textos menores, as vezes despercebidos pelos caminhantes, como as placas de ruas que evocam memórias e imaginários, os cartazes expostos nas avenidas para atrair e informar, assim como o cheiro de comidas, os sinais de trânsito que marcam o ritmo entre o ir e vir dos caminhantes misturando com outros textos que narra o seu cotidiano.

Nessa perspectiva, Corrêa, geógrafo brasileiro, definiu o “espaço urbano como um espaço fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campos de lutas.”⁷² Ainda o mesmo autor faz as seguintes considerações:

A cidade como espaço urbano que pode ser analisado como um conjunto de pontos, linhas e áreas. Pode ser abordado a partir da percepção que seus habitantes ou alguns de seus segmentos têm do espaço urbano e de suas partes. Outro modo possível de análise considera-o como forma espacial em suas conexões com estrutura social, processos e funções urbanas. Por outro lado, ainda o espaço urbano, como qualquer outro objeto social, pode ser abordado segundo um paradigma de consenso ou de conflito. A maior parte deste trabalho focaliza os processos e as formas espaciais: o espaço das cidades brasileiras.⁷³

⁷⁰ ROLNIK, Raquel. História Urbana: História na cidade? In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio de Filgueiras. *Cidade e História. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA, 1992, p. 27-30.

⁷¹ Ibidem

⁷² CORRÊA, R. L. O espaço urbano. Ática, 1989.

⁷³ Ibidem, p.9.

A historiadora Maria Stella Bresciani, na obra sob o título *Palavras da cidade*, entende o espaço urbano, de uma forma geral, a partir do emprego das palavras sobre a cidade em diversos momentos do pensamento urbanístico. Trata-se mais precisamente de “abordar a cidade através das palavras que as designam e designam suas diferentes partes”.⁷⁴

Segundo Rolnik, “a cidade guarda marcas de vários tempos e processos sociais no espaço urbano construído, materializando sua própria história como uma espécie de escrita no espaço.”⁷⁵ Assim, entendendo a cidade como uma realidade plural, complexa em sua rede de relações sociais, econômicas, políticas, culturais e simbólicas. Os diferentes sujeitos e grupos sociais se apropriam desse espaço, produzem representações, memórias e um imaginário sobre ele, que visam a explicar a dinâmica própria desses grupos sociais se constituírem na cidade.

Os grupos sociais constroem na cidade um conjunto de relações sociais e representações, fazendo uma leitura no tempo desse espaço construído pela materialidade de seu conjunto arquitetônico ou ainda pelo formato de suas ruas, como as ruas estreitas do centro histórico de Cuiabá, lendo o passado de outras cidades, outras histórias, contidas no olhar da cidade do presente.

Nesse ponto, Circe Bittencourt menciona que “a história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência.”⁷⁶ Nesse sentido, os bens patrimoniais oferecem suporte para a compreensão da complexidade do fazer histórico e propiciam a tomada da cidade em seu sentido educador, visando a “valorização e a qualificação de redes de pertencimento.”⁷⁷

O olhar curioso e investigativo sobre o cenário da cidade, construído historicamente, pode levar a uma análise dos caminhos traçados, dos monumentos, dos casarões e a observar as transformações que sofreram pelos deslocamentos do eixo econômico ou cultural. Assim, perceber sua produção material e toda dimensão abstrata com seus códigos, símbolos e representações. Nesse sentido, esta ideia vai ao encontro da

⁷⁴ BRESCIANI. Maria Stella. **Palavras da cidade**. Porto Alegre, Editora Universitária UFRS, 2001.

⁷⁵ ROLNIK, op. cit., p.9.

⁷⁶ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. p.168.

⁷⁷ FRAGA, Hilda Jaqueline. A cidade como documento no ensino de história. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010. p. 222-223.

proposta do presente estudo, que propõe empreender um trabalho de ressignificação do olhar sobre a cidade, organizando ações educativas nos lugares de memória da cidade.

Nesse aspecto, a cidade se constitui em um produto histórico definido pelas atitudes e formas de vida próprias de uma localidade proveniente da distribuição peculiar de indivíduos em um espaço definido onde se registra uma ampla troca de interesses, conhecimentos e práticas socioculturais.

O debate em torno do conceito de territorialidade assume variadas dimensões. Raffestin, sustenta que a territorialidade deve ser entendida como multidimensional e inerente à vida em sociedade,

[...] de acordo com nossa perspectiva, a territorialidade assume um valor bem particular, pois reflete o multidimensionamento do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pela sociedade em geral. Os homens “vivem” ao mesmo tempo, o processo territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas.⁷⁸

Assim, percebemos que o território ganha uma identidade na coletividade que nele vive e o produz, sempre em processo dinâmico e dialético. Ainda nesse sentido, Saquet acrescenta que “a territorialidade traduz o conjunto daquilo que se vive cotidianamente: relações com o trabalho, com o não-trabalho, com a família, etc.”⁷⁹ Ou seja, ela é multidimensional, conforme frisado anteriormente por Raffestin.

Nas palavras de Souza, “a territorialidade tem a ver com um certo tipo de interação entre homem e espaço, a qual é, aliás, sempre entre seres humanos mediatisada pelo espaço.”⁸⁰ É importante ressaltar, todavia, que a territorialidade não se define pela simples relação com o espaço, mas se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais.

Para Rolnik, o território guarda em si a subjetividade coletiva, conforme comentário da autora:

Contrapondo-se a noção de espaço à noção de território, há uma relação de exterioridade do sujeito em relação ao espaço e uma ligação intrínseca com a subjetividade quando se fala em território. O território é uma noção que incorpora a ideia de subjetividade. Não existe um território sem um sujeito, e pode existir um espaço independente do sujeito. O

⁷⁸ RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993. p.158.

⁷⁹ SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território.** 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

⁸⁰SOUZA, Marcelo Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias et al. **Geografia: conceitos e temas.** 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p.77-116.

espaço do mapa dos urbanistas é um espaço; o espaço real vivido é um território.⁸¹

Assim, a educação utiliza o patrimônio cultural como referencial da ação de sujeitos históricos do passado, considerando-o suporte fundamental para realizar a ação educativa. O Centro Histórico de Cuiabá, como o das demais cidades brasileiras, vem carregado de diversidade, resultado de uma relação em que cultura, ciência e tecnologia são construídas e reconstruídas a cada momento histórico pela ação humana. Nesse sentido, compreende-se que a escola faz parte, e é representada pelo patrimônio cultural, sustentada pelo conhecimento produzido e acumulado ao longo do tempo.

Os estudos da história local e do cotidiano, vivenciados pelos alunos, abrem diferentes possibilidades de sua participação como sujeitos comuns da sua própria realidade sociocultural. Neste intuito, busca-se facilitar a condução do processo de ensino-aprendizagem, aprofundando-se a análise e a conscientização do trabalho de preservação do patrimônio histórico urbano.

Sendo assim, ao caminhar pela cidade⁸² de Cuiabá em busca da trajetória dos primeiros colonizadores que ocuparam a região a partir do achado aurífero nos primeiros anos de sua fundação, no século XVIII e revisitando uma Cuiabá colonial verifica-se, que neste período não houve uma urbanização acentuada. Segundo Siqueira, Cuiabá nasceu “em terreno de leve declive em que se contrapõe a encosta abrupta do Morro da Luz, divididos pelo Córrego da Prainha.”⁸³ Sobre a origem da cidade Cunha afirma que:

A formação inicial da cidade deu-se nas imediações da Igreja do Rosário e as primeiras casas eram cobertas de palha, não demonstrando nenhuma preocupação com a composição e o planejamento do espaço urbano, além de que eram edificadas sem os devidos ajustes aos desníveis dos terrenos e aos cursos dos rios.⁸⁴

A construção do espaço urbano de Cuiabá acompanhou a sua topografia, resultando numa cidade formada por ruas estreitas, becos e vielas desordenadas,

⁸¹ ROLNIK, op. cit., p.28.

⁸² Cf.; CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁸³ SIQUEIRA, E. M. **Cuiabá: de Vila à Metrópole nascente.** Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

⁸⁴ CUNHA, Eduardo Ferreira da. **Grupo Escolar:** Escola Normal e Escola Modelo “Palácio da Instrução de Cuiabá” (1900-1915): Arquitetura e paisagismo. Dissertação de Mestrado. UFMT, 2009. p. 59.

acompanhando a sinuosidade do córrego da Prainha e do rio Cuiabá. A construção das casas e sobrados no Centro Histórico, apesar de não ter um projeto urbanístico, interligam com igrejas, comércios, escolas e setores administrativos da antiga colônia e província de Mato Grosso, obedecendo naturalmente a vida urbana deste lugar. Assim, a cidade se desenvolveu às margens do Córrego da Prainha, nas proximidades da Igreja Nossa Senhora do Rosário, se estendendo em direção ao povoado que se formava na região do Porto.

A Figura 6, datada de 1930, apresenta um conjunto de casas na região próximo à antiga Prainha, atual rua Tenente Coronel Duarte. À direita vê-se a antiga Igreja Matriz e, ao fundo, o prédio do Palácio da Instrução.



Figura 6. Vista das casas cuiabanas, 1930. Fonte: (SIQUEIRA, 2007, p. 91)

A figura 7, mostra a vista aérea da cidade de Cuiabá em 1930. A configuração inicial da cidade vai sendo modelada a partir das construções das igrejas, com a abertura das primeiras ruas em direção ao Porto, como a Rua Bella do Juiz, da esquina do prédio onde atualmente funciona a Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos, até a Avenida Generoso Ponce, hoje Rua Treze de Junho, data da retomada da cidade de Corumbá, feito heroico do então coronel Antônio Maria Coelho, durante a Guerra do Paraguai.



Figura 7. Vista aérea de Cuiabá em 1930. Fonte: Facebook: Grupo Cuiabá de antigamente. Publicada por Guilherme Ferri em 9 de set. 2017.

Na parte central, entre as Igrejas Senhor dos Passos e a Matriz abriram as primeiras ruas: a Rua de Baixo, denominada hoje de Rua Galdino Pimentel, teve outras denominações, conforme escreve Rubens de Mendonça⁸⁵ em sua obra Ruas de Cuiabá, a antiga Rua de Baixo em 1850, recebeu o nome de 1º de dezembro, depois passou a denominação de Rua Direita e após a Guerra do Paraguai a chamar-se 1º de Março; a Rua do Meio, hoje denominada Rua Ricardo Franco, segundo Rubens de Mendonça⁸⁶ a sua primeira denominação oficial era Rua do Comércio, dada em 1850, permaneceu até 1871; e a Rua de Cima, atualmente Rua Pedro Celestino, era conhecida também como antigo caminho das trepadeiras, depois Rua Augusta; assim, o número de vias na região central foi aumentando, algumas ruas receberam calçamento com pedra cristal, interligando com a região do Porto, destacando a construção de casas e o aumento do contingente populacional.

A região do Porto, no início do século XVIII, ligava Cuiabá ao restante das províncias e da corte, estabelecendo um fluxo constante com chegada e saída de pessoas,

⁸⁵ MENDONÇA, Rubens. **Ruas de Cuiabá**. Cuiabá: SEC-MT: Integrar: Defanti, 2012. p. 61.

⁸⁶ Ibidem

mercadorias e gêneros alimentícios. Daí a espacialização da capital mato-grossense estendeu-se a partir da necessidade de conexão do centro antigo com o rio Cuiabá, principal via de transporte fluvial da época e de contato com os países do Prata, Paraguai, Argentina e Uruguai e Europa, sendo que, a partir da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX, ampliou-se o comércio de importação e exportação com diferentes nações latino-americanas e europeias.

O Palácio da Instrução, instalado no centro de Cuiabá, com uma arquitetura de estilo neoclássico, caracterizava o ensino no início do período republicano, atraindo a elite cuiabana a construir suas residências e sobrados naquela região, a ponto de interferir no setor imobiliário, pois os terrenos e as casas próximas ao prédio do Palácio da Instrução eram as construções de maior valor imobiliário da cidade.

Grupos sociais da elite dominante como os comerciantes, mineiros e políticos, possuíam condições financeiras para construíram seus sobrados e casas comerciais de produtos nacionais e estrangeiros, na região central da cidade, como a Casa Orlando,⁸⁷ no atual Centro Histórico de Cuiabá e as melhores residências nas áreas do Centro e do Porto contribuindo com a modernização da cidade. Enquanto isso, a população mais pobre acabou abandonando as áreas centrais e passou a ocupar novos espaços mais distantes destas áreas. Ainda sobre a Casa Orlando a autora Cristiane Thais Cerzósimo Gomes descreve:

Em 1873, os irmãos Francisco, José e Vicente Orlando fundaram a firma Orlando Irmãos e Cia. Instalada na esquina da Rua 1º de março, a chamada Rua de Baixo, com a Rua Campo Grande, foi uma das casas mais importantes da região. (...) o seu estilo arquitetônico lembra as construções europeias.⁸⁸

No ano da inauguração do Palácio da Instrução, em 1914, “Cuiabá possuía cerca de 22 mil habitantes, a cidade era organizada em dois distritos, com 24 ruas, 28 travessas, 17 praças, dois jardins públicos e um serviço de bonde com um ramal para o matadouro e outro para a cervejaria⁸⁹.

⁸⁷Cf. GOMES, Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo. **Viveres, fazeres e experiências dos italianos em Cuiabá (1890-1930)**. Cuiabá: Entrelinhas, EdUFMT, 2005.

⁸⁸Ibidem, p. 58.

⁸⁹História das cidades brasileiras. Disponível em <http://www.juraemprosaeverso.com.br/HistoriasDasCidadesBrasileiras/HistoriaDaCidadeDeCuiaba> . Acesso em 5 de jul. de 2018.

Nesse sentido, ao utilizar o patrimônio cultural como fonte para o estudo de história da cidade possibilita encontrar meios de fazer com que o aluno possa vislumbrar o passado, a partir da materialidade desse espaço, como algo próximo dele, que faz parte de sua realidade, aflorando o próprio sentimento de pertencimento. Sendo que o patrimônio está relacionando as evidências materiais e manifestações culturais, ou seja, conjunto de bens elaborados e passados ao longo das gerações.

O Patrimônio Cultural⁹⁰ é um tema interessante como parte das atividades escolares onde possibilita conhecer a história local, através da cultura material e imaterial, fazendo uma leitura mesmo que essa realidade seja apresentada em forma de ruínas, pois, ainda assim, é capaz de dizer algo. Afirma-se, então, que o estudo do patrimônio histórico-cultural em seus diferentes espaços urbanos, é essencial para compreender a constituição socioculturais e a formação das memórias locais, apreendendo as estratégias de poder, as coletividades e a organização da cidade.

Dessa forma, entende-se que patrimônio não é necessariamente tudo aquilo que determinada sociedade considera significativo no presente, mas também o que foi importante no contexto do passado. Portanto, não é apenas o belo e o grandioso, mas também o corriqueiro, o cotidiano e o simples.

Educação patrimonial no ensino de História

A educação patrimonial é “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária do conhecimento.”⁹¹ Partindo desse conceito de Educação Patrimonial de Horta, Grunberg e Monteiro, percebe-se a necessidade de inserir uma metodologia nos currículos escolares da educação básica que venha valorizar e preservar o patrimônio, fazendo com que através do conhecimento o aluno possa se colocar como parte integrante desse espaço. E ainda as autoras acrescentam que a educação patrimonial é um instrumento de alfabetização cultural⁹² que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo em que vive, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico temporal em que está inserido.

⁹⁰ Cf. BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A catedral e a cidade: uma abordagem da educação como prática social.** Cuiabá: EdUFMT, 1997.

⁹¹ HORTA, Maria de Lourdes Pereira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial.** Brasília: IPHAN; Museu Imperial, 1999. p.6.

⁹² Ibidem.

O IPHAN vem trabalhando no sentido de concretizar a recuperação pela sociedade de seu patrimônio cultural. Tendo a competência de resguardar e difundir os bens culturais nacionais para usufruto tanto das gerações presentes quanto as posteriores e orientar legalmente a sociedade como tratá-los. O tema da educação patrimonial, no entanto, só foi introduzido no país a partir dos anos 1980. Horta acredita que educação patrimonial "é um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo."⁹³

Acerca disso, observa-se que a educação patrimonial condiciona o patrimônio à uma posição de objeto de estudo, já que sendo ele resultado do trabalho humano e acumulado através dos tempos, carregado de informações, quando explorados, desencadeiam a produção de novos conhecimentos.

A partir da ideia de Oriá, que por educação patrimonial “entende-se a utilização de museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas – os lugares e suportes de memória – no processo educativo, a fim de desenvolver a sensibilidade e a consciência dos educadores e futuros cidadãos da importância da preservação desses bens culturais,”⁹⁴ ressalta-se a importância de conhecer para preservar e desenvolver a sensibilidade para valorizar o patrimônio. Essa deve ser a finalidade da educação patrimonial. Bittencourt corrobora com essa ideia quando demonstra preocupação com o cuidado que se deve ter por ocasião do trabalho realizado com a educação patrimonial:

O conceito mais abrangente de patrimônio cultural abre perspectivas de adoção de políticas de preservação patrimonial. O compromisso do setor educacional articula-se a uma educação patrimonial [...] Educação que não visa apenas evocar fatos históricos notáveis, de consagração de determinados valores de setores sociais privilegiados, mas também concorrer para a rememoração e preservação daquilo que tem significado para as diversas comunidades.⁹⁵

Na verdade, a autora aponta que os profissionais precisam definir suas estratégias de abordagem da temática patrimonial, além de desenvolver a sensibilidade e a consciência dos educandos para a importância da preservação dos bens culturais, tem

⁹³ Ibidem.

⁹⁴ ORIÁ, R. Memória e Ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 1998. p. 133.

⁹⁵ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 278.

ainda, por finalidade a utilização de novos materiais no ensino de história que podem ir além do que propõem os livros didáticos, e propiciar vivências e aprendizagens fora dos espaços escolares.

A educação patrimonial pode ser direcionada, segundo Ivo Mattozzi, por algumas condições:

A primeira condição é que as experiências de aprendizagem se desenvolvam com a utilização dos bens culturais originais: monumentos, arquiteturas, fontes de arquivo, peças de museus, sítios arqueológicos, quadros autênticos, etc. A segunda condição é que seja objeto de observação e de uso para produzir informações. A terceira condição é que esses sejam colocados em relação com o contexto e com a instituição que os tutela.⁹⁶

Sendo assim, percebe-se que o uso da Educação Patrimonial por professores de história torna interessante, quando utiliza a cidade como prática educativa, uma vez que, se pode ver a cidade como o local de aprendizagem mediante os bens culturais nela existentes e muitas vezes invisíveis em meio à correria do dia-a-dia de seus moradores.

Nesta perspectiva, as orientações do Guia Básico da Educação Patrimonial, sugerem atividades de ensino explorando o objeto cultural em quatro momentos:

1) observação do objeto, quando propõe que sejam feitos exercícios de percepção sensorial do objeto, onde e quando se identifica sua função e/ou significado social; 2) o registro, neste se solicita a anotação das informações que o próprio objeto oferece. Isso pode ser realizado de diferentes formas e com diferentes níveis de complexidade, como o desenho, a descrição verbal ou escrita, a construção de maquetes entre outros; 3) a exploração, quando se solicita que o aluno pesquise em outras fontes para completar as informações sobre o objeto; 4) a apropriação essa tarefa demanda uma releitura do objeto em diferentes linguagens, esperando-se que o público da ação de educação patrimonial faça uma releitura dos significados do objeto e se sinta afetivamente envolvido com ele.⁹⁷

Seguindo os quatro momentos da observação, registro, exploração vivenciados pelos alunos é na apropriação da experiência adquirida durante a atividade, “que se faz a interpretação e comunicação de todo percebido e registrado. É nesta etapa que se

⁹⁶ MATTOZZI, I. Currículo de História e educação para o patrimônio. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 47, p. 135-155, jun. 2008.

⁹⁷ HORTA, Maria de Lourdes Pereira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN; Museu Imperial, 1999.

manifesta a capacidade criativa e se retoma o conhecimento adquirido com um julgamento de valor.”⁹⁸

A pesquisadora Jocenaide M. Rosseto em sua tese de doutorado, amplia a metodologia de atividades proposta por Horta quando acrescenta a exposição e a fruição, como forma de complementar o ciclo criativo destacando que:

Exposição dos objetos produzidos na ação educativa patrimonial ou museológica – o desenvolvimento das atividades que levam os participantes à reflexão, descoberta e atitude favorável a respeito da importância e valorização do Patrimônio Cultural; Fruição dos objetos – produção e a apreciação dos objetos produzidos provoca a reintrodução no ciclo criativo⁹⁹.

Viana e Mello salienta a importância dos movimentos de construção, desconstrução e reconstrução no ensino e aprendizagem de história:

No primeiro caso, trata-se da atribuição de sentido para a trajetória de indivíduos e grupos, constituindo identidades orientadoras que funcionam como mecanismo de acesso à percepção de si mesmo enquanto sujeito ativo da história. No segundo, a apreensão da existência de outras possibilidades, igualmente legítimas, de criação cultural, embora, nem sempre apresentadas na forma de narrativas históricas com o mesmo grau de sentido e adesão. Já no terceiro, verifica-se a interseção entre elementos intrínsecos ao código cultural e outros externamente adquiridos, surgindo, a partir de então, algo novo e original num processo sempre dinâmico de criação.¹⁰⁰

Diante disso, conclui-se o objeto de reflexão do presente capítulo, atingindo o objetivo proposto de contribuir para a análise do Palácio da InSTRUÇÃO, situado no Centro Histórico de Cuiabá-MT, enquanto patrimônio histórico e lugar de memória passível de ser reapropriado pelo processo de ensino e aprendizagem da história local e regional, destacando-se as situações de territorialidade, desterritorialidade e reterritorialidade dos espaços urbanos desta capital mato-grossense, no período de 1914 a 2017. Nesse aspecto, urge a necessidade de sondar, a partir da perspectiva dos estudantes do ensino médio suas percepções e impressões acerca dessa realidade que será trabalhado no próximo capítulo.

⁹⁸GRUNBERG, Evelina. Educação patrimonial: utilização dos bens como recursos educacionais. In: **Cadernos do CEO**, Chapecó, SC, Argos, n. 12, 2000, p. 159-180.

⁹⁹ SILVA, Jocenaide Maria Rosseto. **Do Museu como Espaço ao Museu como Lugar de Múltiplas Interlocuções:** os Museus Universitários e as Coleções do Povo Bororo. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12814>. Acesso em 28/11/2018.

¹⁰⁰ VIANA, Iamara da Silva & MELLO, Juçara da Silva Barbosa. **Educação Patrimonial e Ensino de História:** Diálogos. Encontros. Ano 11. n. 20. 2013. p. 57.

CAPÍTULO II

DO CENTRO HISTÓRICO AO PALÁCIO DA INSTRUÇÃO: observação, registro e apropriação do conhecimento histórico

Qual é a importância de um centro histórico para a vida de uma cidade? A importância é mostrar, relembrar, contar a história da cidade. Mostrar os casarões, os pontos que foram fundados por grandes nomes ou por trabalhadores, relembrar as lutas e as conquistas, contar porque lutaram. Um centro histórico serve para relatar a história da cidade¹⁰¹.

Partindo desta reflexão do aluno Lírio,¹⁰² destacarei neste capítulo, o ensino de história local e regional voltado para o ensino médio, através de aula de campo, a partir da educação patrimonial, realizando caminhadas pelo Centro Histórico de Cuiabá e oficina de história no Palácio da Instrução. Experiências constituídas através das interações entre alunos e professores, numa constante troca de informações, tanto em sala de aula, como fora do ambiente escolar, que permitem o convívio em torno da construção dos saberes individuais e coletivos, respeitando as diferenças e agregando conhecimentos específicos. A experiência está em toda parte, nas ações cotidianas dos indivíduos e dos grupos sociais, como afirma Thompson:

Propõem novos problemas e, acima de tudo, dão origem continuamente à experiência – uma categoria que, por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento. Mas ela é válida e efetiva dentro de determinados limites. A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não sem pensamento. Surge porque homens e mulheres [...] são racionais e refletem sobre o que acontece a eles e a seu mundo.¹⁰³

¹⁰¹Resposta do aluno Lírio, a uma das questões que compõem o questionário aplicado em abril de 2017. Sendo que, foi trabalhado com 40 alunos do segundo ano do ensino médio de uma escola pública, aqui denominada Escola Primavera, localizada no bairro Morada da Serra, na cidade de Cuiabá-MT. Utilizo o nome de flores aos alunos que participaram das atividades de pesquisa, respondendo os questionários, participando do percurso patrimonial e das aulas-oficinas.

¹⁰² Por ser uma das flores mais antigas do mundo, o lírio possui uma pesada bagagem cultural e, por isso, é rico em significados. De modo geral, em sua versão branca ele representa a pureza e inocência.

¹⁰³ THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 15-16.

Entendendo a história como estudo da experiência humana no tempo é possível compreender que a história estuda a vida dos sujeitos comuns de uma determinada realidade sociocultural, o seu cotidiano, investigando as suas experiências que vão além dos conteúdos curriculares propostos em livros didáticos e que acontece em outros espaços educativos. Por isso, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's para o ensino de história, o professor possibilita aos alunos que estes reelaborem esses muitos saberes, suas experiências e vivências, constituindo assim o que se chama de saber histórico escolar.

Sendo assim, algumas visitas aos centros históricos, bairros, bem como em museus podem provocar diversas indagações aos alunos partindo da vivência para a questão da preservação e valorização de lugares de memórias, como recomendam os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Uma visita, através de aula de campo, pode suscitar o debate sobre como acontece a preservação do patrimônio histórico cultural da localidade onde vivem, relacionando-o com as memórias e as identidades locais, regionais, nacionais e/ou mundiais. O debate pode girar em torno de como é valorizada ou esquecida essa ou aquela memória, como são fortalecidas ou não as identidades locais ou regionais, como as pessoas contribuem em seu cotidiano para a preservação dos patrimônios, como preservar depende da consciência de cidadania etc. Pode, principalmente, propiciar o debate sobre a relação entre o presente e o passado, já que a decisão sobre o que e o como preservar pertence a cada geração.¹⁰⁴

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem que o ensino de história na educação básica parta de temas e objetos próximos ao contexto social do educando, relacionando-os a outros tempos e/ou espaços. Sendo assim, iniciei os questionamentos com os alunos em sala de aula para verificar o entendimento deles acerca do conceito de patrimônio cultural. Foram apontadas várias definições pelos alunos, destacando as seguintes: são os prédios antigos do centro da cidade, os monumentos, os casarões e os sítios arqueológicos. Partindo dessas respostas apresentei o conceito de patrimônio cultural proposto por Soares, quando afirma “que todas as modificações feitas por uma sociedade na paisagem para melhorar suas condições de vida, bem como todas

¹⁰⁴ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília. MEC/SEF, 1998. p.91.

as formas de manifestação socialmente compartilhadas, fazem parte do patrimônio cultural.”¹⁰⁵

A partir dessa perspectiva, procurei fazer com que o aluno percebesse que sua casa, seu bairro, sua escola, também são patrimônios culturais pertencentes a sua história. Corroborando com essa ideia, recorri aos estudos de Hartog sobre a relevância do Patrimônio Cultural como testemunho de uma época destacando a necessidade de preservação para as futuras gerações:

O patrimônio é constituído de testemunhos, grandes ou pequenos. Como em relação ao todo testemunho, nossa responsabilidade é de saber reconhecê-los em sua autenticidade, mas, além disso, nossa responsabilidade se encontra engajada em relação às gerações futuras.¹⁰⁶

Após as indagações sobre patrimônio cultural a minha preocupação era saber se os alunos conheciam alguns lugares de memória em seu bairro, na cidade, assim como se conheciam o Centro Histórico de Cuiabá. Diante disso, realizei algumas questões como: você nasceu em Cuiabá? Conhece o Centro Histórico? Quais os lugares de memória que você conhece? Dos quarenta alunos que responderam o questionário apenas dois disseram que não nasceram em Cuiabá e quatro alunos afirmaram que não conheciam nenhum lugar de memória ou lugares históricos em Cuiabá. Os demais alunos citaram a Igreja do Rosário, Igreja Matriz, Museu do Rio, Museu da Caixa d’água e Sesc Arsenal, como lugares históricos que conheciam porque já passaram na frente do prédio ou ouviram falar, mas não haviam entrado para conhecer. Sobre o Centro Histórico, trinta alunos disseram que passavam por ali no dia a dia, mas não reparavam nos casarões ou prédios históricos. Descreveram que as ruas estão desleixadas e alguns casarões estão em ruínas, mas ao mesmo tempo, conservam uma beleza colonial. Isso nos leva a afirmação de Certeau que a cidade mesmo em ruínas ainda suscita emoções:

Essas velharias que parecem dormir, casas desfiguradas, fábricas desativadas, cacos de histórias naufragadas, elas ainda hoje formam as ruínas de uma cidade desconhecida, estranha. Irrompem na cidade modernista, cidade de massa, homogênea, como os lapsos de uma linguagem que ninguém conhece, quem sabe inconsciente. Elas

¹⁰⁵ SOARES, André Luís Ramos (Org.). *Educação patrimonial: relatos e experiências*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2003. p.46.

¹⁰⁶HARTOG, François. Tempo e patrimônio. In: *Varia História*. BH: v. 22, n. 36, jul. /dez. 2006, pp. 261-273.

surpreendem.¹⁰⁷

Nessa perspectiva, Schimdt e Cainelli corrobora com essa ideia quando afirmam que: “ensinar história não pode prescindir de pensar o mundo além da sala de aula. É necessário abrir os ambientes de aprendizagem histórica a outros espaços, levando os alunos a refletir sobre seu cotidiano.”¹⁰⁸

De acordo com Circe Bittencourt,

Para a maioria das propostas curriculares, o ensino de História visa contribuir para a formação de um “cidadão crítico”, para que o aluno adquira uma postura crítica em relação à sociedade em que vive. As introduções dos textos oficiais reiteram, com insistência, que o ensino de História, ao estudar as sociedades passadas, tem como objetivo básico fazer o aluno compreender o tempo presente e perceber-se como agente social capaz de transformar a realidade, contribuindo para a construção de uma sociedade democrática.¹⁰⁹

Ensinar história a partir do estudo do patrimônio cultural da cidade viabiliza a utilização de elementos mais próximos e concretos, que fazem parte da vivência dos alunos, levando-os à percepção de que são agentes participantes da sociedade e capazes de transformar a realidade a que pertencem. Por isso é interessante organizar atividades educativas que propicie o levantamento de dados da história local, seja do bairro em que o aluno mora, do centro histórico de sua cidade, identificando vestígios, lugares de memória e pessoas comuns que viveram naquele espaço.

A aproximação do educando da pesquisa e de elementos do viver e fazer urbano, permite fazer uma leitura desse espaço e construir uma narrativa histórica. É comum, por parte dos alunos fazerem relação da história, enquanto disciplina, às grandes guerras, revoluções e outros eventos históricos distantes de sua realidade espacial e temporal.

Com o desenvolvimento das atividades sobre a história local, os alunos são provocados e/ou desafiados a olharem a cidade e vê-la de uma maneira até então

¹⁰⁷ CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p.190.

¹⁰⁸ SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2009. p.150.

¹⁰⁹ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 69-90.

desconhecida por eles: andar e observar historicamente, problematizando os lugares por onde passam. Através dessa observação, serão capazes de perceber as diferentes histórias e temporalidades das paisagens urbanas por onde passam diariamente sem perceber ou questionar? Nesse sentido, Certeau, quando escreve sobre a cidade de Nova York vista do Word Trade Center, afirma:

A vontade de ver a cidade precedeu os meios de satisfazê-lo. As pinturas medievais ou renascentistas representavam a cidade vista numa perspectiva por um olho que, no entanto, jamais existira até então. (...) O olhar totalizante imaginado pelos pintores dos tempos antigos permanece em nossas realizações. (...), mas “embaixo” (down), a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres, *wandersmänner*, cujo corpo acompanha resolutamente um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo.”¹¹⁰

Assim, questionei sobre a expectativa dos alunos ao caminhar pelo Centro Histórico para observar os casarões e os prédios, como lugares de memória, percebendo a cidade vista de baixo. Os 40 alunos questionados responderam de forma positiva, mostrando interesse em conhecer a história da cidade, como a aluna Margarida, da turma do segundo ano, entrevistada em abril de 2017, escreveu: “Minha expectativa é obter mais conhecimento sobre a cultura e a história de Cuiabá, visitar os lugares que ainda são preservados e tentar ver Cuiabá como era no começo”. Depoimento de alunos que nunca foram ao centro histórico, foi relatado pelo discente Gerânia: “É ter uma noção das coisas mais antigas da cidade que eu não conheço ainda, estarei visitando o centro histórico pela primeira vez”. Ainda o aluno Antúrio destacou a importância do Centro Histórico para a vida da cidade: “O Centro Histórico é importantíssimo por preservar a história da cidade e fazer com que os que vivem nela e os que visitam possam conhecê-la”. Lembrando que os nomes dos alunos foram substituídos por nomes de flores: margarida, gerânio e antúrio.¹¹¹

Percorso patrimonial: caminhada pelo Centro Histórico

A partir da fala dos alunos preparei a aula de campo com a caminhada pelo Centro Histórico, com percursos patrimoniais previamente planejados em conjunto com os

¹¹⁰ CERTEAU, op. cit., p.170-171.

¹¹¹ Margarida nome de flor que simboliza a juventude, simplicidade e inocência; gerânio simboliza a amizade e antúrio significa autoridade, hospitalidade e luxo.

alunos, sendo que, segundo Fraga,¹¹² o percurso é uma prática da educação patrimonial que consiste na realização de caminhadas pelas ruas ou lugares da cidade a partir de roteiros predefinidos, com a finalidade de identificar, registrar e valorizar o bem cultural. Além disso, “possibilita adquirir os instrumentos para recriar, transformar, usar e desfrutar o patrimônio cultural da sua região.”¹¹³ O percurso foi realizado seguindo o roteiro proposto pelo Guia Básico da Educação Patrimonial,¹¹⁴ fazendo inicialmente a observação e o registro. Assim sendo, a Educação Patrimonial viabiliza, “por parte dos alunos, a construção do conhecimento histórico e das noções caras a essa área do conhecimento, tais como tempo, espaço, cultura, relações sociais, memória e história.¹¹⁵”

Diante disso a ação educativa em determinados lugares de memória como o Centro Histórico e o Palácio da Instrução, tem o propósito de auxiliar o aluno a compreender e a apropriar-se dos bens culturais que observa, fazer as leituras dos casarões partindo-se da observação, e posteriormente utilizar-se deste conhecimento. Usufruir do patrimônio cultural da cidade é entender que o passado se faz presente nas praças, nos nomes das ruas e nos casarões. Essa realidade, possibilita não só conhecimento na dimensão local, mas sua relação com o mundo e suas transformações socioculturais.

As estruturas urbanas que compõem os centros históricos passam por processos de ressignificação ao longo do tempo, imbuídas de significados e sentimentos de preservação e de pertencimento, compreendendo as dimensões materiais e simbólicas. Nesses lugares ficam registrados, através das práticas organizadoras os diversos tempos vividos pela cidade e seus moradores.

A atividade da caminhada pelo centro histórico provocou o exercício de “olhar” a história fora da sala de aula. Segundo Grunberg, “o aprendizado por meio do olhar não é simples, pois requer tempo, prática e esforço, precisa-se treinar a observação para desenvolver a percepção.”¹¹⁶ Assim, ao observar, o aluno desenvolve a habilidade de interpretação do objeto proposto para o ensino de história, que é patrimônio cultural, compreendendo a ocupação do espaço social e suas marcas em seu entorno.

¹¹² FRAGA, Hilda Jaqueline. A cidade como documento no ensino de história. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

¹¹³ GRUNBERG, Evelina. Educação patrimonial: utilização dos bens como recursos educacionais. In: **Cadernos do CEOM**, Chapecó, SC, Argos, n. 12, 2000, p. 164.

¹¹⁴ HORTA, Maria de Lourdes Pereira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN; Museu Imperial, 1999. p.24-29.

¹¹⁵ FRAGA, op. cit., p.226.

¹¹⁶ GRUNBERG, op. cit., p.165.

Quando o aluno é levado a caminhar pelo centro histórico com um olhar diferenciado e com o objetivo de identificar a presença de outras temporalidades, ele é surpreendido pelo que ainda não tinha percebido. Ruas, construções, praças e pessoas passam a ser vistos de outra forma. Há um despertar do sentimento de pertencimento e a percepção de que ele também é sujeito daquela história.

Caminhando e observando o Centro Histórico de Cuiabá, com os alunos do segundo ano do ensino médio da “Escola Primavera” fazendo uma leitura da cidade a partir da memória preservada, deparamos com construções seculares, em péssimas condições de habitação e outras totalmente abandonadas esperando que sejam diluídas pelo tempo.

Durante o percurso foi questionado aos alunos quais as construções que mais chamavam a atenção e por quê? A aluna Begônia,¹¹⁷ destacou “a Igreja Matriz, o Palácio da Instrução, Museu Histórico de Mato Grosso e o Palácio Alencastro. Porque são como castelos, com cores vivas e formas diferentes das casas”. Trata-se de uma jovem com mais ou menos 16 anos de idade, cuja percepção revela a suntuosidade das edificações ressaltadas em comparação às demais que estão em franca decadência devido ao abandono, já que das quatro instituições, três estão em funcionamento sob a guarda do Estado de Mato Grosso.

Sobre o abandono do Centro Histórico de Cuiabá, Fernandes relata a falta de perspectiva dos moradores que exercem atividades comerciais e também dos proprietários que não mostram interesse em fazer a manutenção e revitalização dos casarões quando diz que:

O Centro Histórico de Cuiabá engloba 400 prédios com data mais recente de construção de cem anos, informação que já serviria para chamar a atenção para a necessidade de conservação pela importância histórica e cultural. Mas o pouco-caso de herdeiros de famílias tradicionais de Cuiabá, o desleixo até tempos bem recentes de gestão pública e o engessamento de lei federal para restaurações desses prédios convergiram para abandono quase completo. O espaço inclui prédios históricos como a Igreja de São Benedito, a Catedral Basílica Senhor Bom Jesus, o Palácio e Praça Alencastro, a Praça da República e a Praça da Mandioca, por exemplo. O sítio histórico, no entanto, se estende para uma área maior com englobamento de mil imóveis. Esse segundo espaço, no entorno do Centro Histórico, não está oficialmente tombado,

¹¹⁷ Begônia, flor que significa delicadeza, felicidade e cordialidade.

mas contém prédios que o Iphan avalia como importantes para o ingresso no status de patrimônio histórico.¹¹⁸

A figura 8, refere-se a área tombada do Centro Histórico de Cuiabá-MT, que compreende 400 prédios, segundo Arruda, “o processo administrativo que validou juridicamente o tombamento foi aberto em 1985 e concluído em 1993, quando houve o registro do Livro Tombo.”¹¹⁹ A área tombada data do final do período colonial e atualmente é uma parte do centro de Cuiabá. Os edifícios do núcleo tombado representam a origem e ocupação da cidade desde o século XVIII até meados do século XX. Nessa área estão as ruas mais antigas de Cuiabá e equipamentos que documentam momentos marcantes da história da cidade, tanto no que se refere aos materiais e técnicas de construção quanto aos estilos.



Figura 8: Perímetro da área tombada do Centro Histórico de Cuiabá-MT. Fonte: IPHAN

¹¹⁸ FERNANDES, Reinaldo. Centro da cidade retrata o abandono da história de Cuiabá. Disponível em <http://circuitomt.com.br/editorias/cidades>. Publicado em 08/04/2017. Acessado em 29/05/2017.

¹¹⁹ ARRUDA, Márcia Bonfim de. **As engrenagens da cidade: centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX.** Cuiabá: EdUFMT. 2010. p.13.



Figura 9. Casarão na Rua Sete de Setembro, nº 349, no Centro Histórico de Cuiabá. Caminhando, observando e registrando os lugares de memória. Alunos do 2º ano. Abril/2017. Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 10. Casarão no Centro Histórico de Cuiabá. Observação e registro dos alunos do 2º ano/2017/EE. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A aluna Alfazema¹²⁰ ponderou com a seguinte observação: “algumas fachadas estão bem conservadas e outras estão abandonadas com a estrutura caindo”. Caminhar pelo Centro Histórico da cidade, permite enxergar imagens de um tempo vivido, principalmente através da observação direta dos casarões antigos, como mostra as figuras 9 e 10. As antigas construções da cidade representadas pelos seus casarões, em seus estilos coloniais, construídas com o uso do barro e técnicas de tijolos em adobe e paredes de taipa de pilão, trazem as continuidades e as rupturas, das gerações que viveram no mesmo espaço.

Assim, 30 alunos destacaram os casarões antigos, que mais chamaram a atenção, quando questionados na pesquisa, colocando em destaque o estilo arquitetônico do período colonial, utilizando em suas construções barro, pedra, madeira, vidro e azulejo. Os alunos ainda fizeram observações quanto às paredes por serem grossas e as janelas grandes e altas, como mostra a figura 11 da casa Orlando. O aluno Narciso¹²¹ fez a seguinte observação: “As obras de antigamente tem muitas diferenças das obras de hoje. As paredes são muito grossas e as portas e janelas são enormes”.



Figura 11. Casa Orlando, construída em 1873, estilo neoclássico. Localizada no Centro Histórico de Cuiabá. Fonte: Arquivo pessoal da autora. Abril/2017.

¹²⁰ Alfazema, flor que significa calma e equilíbrio.

¹²¹ Narciso nome de uma flor que simboliza cautela, timidez, perseverante e disciplinado.

Analizando as palavras dos alunos, acima mencionados, verifica-se que a educação do olhar modificou as percepções que tinham acerca do patrimônio local. Os casarões deixaram de ser apenas paredes vazias porque conseguiram identificar a história ali retratada. E ao observar melhor os detalhes das ruas, dos casarões, descobriram que havia muitas histórias a saber sobre a cidade e as pessoas, além da preocupação com a conservação dos prédios, algo com o qual os alunos não se importavam antes porque ignoravam a relevância da conservação e a necessidade de revitalização.

Diante disso, a caminhada pelo Centro Histórico de Cuiabá passou a fazer parte do roteiro do *City Tour* que a escola pública do bairro Morada da Serra promove com os alunos no primeiro bimestre do ano letivo, desde 2011, com o projeto “Conhecendo a Nossa História” coordenado pelos professores da área de humanas. Assim sendo, além da turma inicial de quarenta alunos, mais uma turma de 2º ano participou da caminhada pelo Centro Histórico, fazendo parte das discussões e das atividades da planejadas.

Entre as atividades destaca-se o percurso patrimonial que integrou ao roteiro as igrejas cujo planejamento foi realizado com os estagiários do IPHAN-MT, e que acompanharam as duas turmas contempladas pelo projeto em 2017, fazendo as mediações necessárias, respondendo aos questionamentos dos alunos sobre os casarões no Centro Histórico, principalmente quanto às questões de preservação e revitalização.

A figura 12 é a Igreja Nossa Senhora do Rosário e Capela São Benedito, no centro de Cuiabá, onde se deu o início ao percurso pelas igrejas com os alunos dos 2º em abril de 2017. Sobre a Igreja Nossa Senhora do Rosário, SILVA et al, afirmam no artigo sobre Educação Patrimonial decolonial na formação de professores de história, que:

A capela Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (1727) foi construída no morro, na margem oposta, a montante do mesmo córrego. A fachada, originalmente era simples e caiada de branco, características do barroco colonial brasileiro, mas foi reformada (1920) e adquiriu traços do neogótico. Ao ser restaurada (1980) apresentou vestígios de uma capela lateral, na larga parede de 4m X 3.5m de altura, construída com adobe e taipa de pilão. Assim, atualmente há em anexo a Igreja, a Capela São Benedito que se caracteriza pela simplicidade: imagem do padroeiro, altar e bancos de madeira e na larga parede em adobe, um espaço para a exposição de ex-votos. Já o interior da Igreja do Rosário é luxuoso, devido a madeira talhada dos altares (altar-mor e altares do arco do cruzeiro), tribunas, púlpitos e nas imagens dos santos (São Francisco de Paula, São José e as imagens da Padroeira) que são policromados e

apresentam detalhes em dourado e prateado. O conjunto histórico e acervos foram tombados (1975) pelo IPHAN.¹²²



Figura 12. Igreja Nossa Senhora do Rosário e Capela São Bendito. Roteiro das Igrejas realizado pelos alunos dos 2's anos acompanhados pelos estagiários do IPHAN-MT. Abril/2017. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O contato direto com os vestígios e evidências históricas, analisadas, orientadas e sistematizadas, possibilita ao estudante apreender o contexto em que foi construída essa materialidade. Um modo não habitual de conceber o conhecimento, talvez desconhecida por parte da maioria dos alunos. O interessante é que o aluno contemporâneo vivencia esta experiência para que seja instrumentalizado a ler o objeto e outros vestígios materiais. É necessário que ele aprenda a realizar as perguntas e problematizar àquela materialidade que está observando e construa um olhar diferenciado, buscando analisar os contextos em que foi construído. Assim, relacionando aquilo que vê com as pessoas que viveram naquela outra época, vai construindo o conhecimento.

O interesse das aulas no Centro Histórico, através da caminhada, vai além da observação e registro realizado pelos alunos, está na maneira como se processa a preservação de alguns edifícios e casarões, como também na compreensão,

¹²² SILVA, Jocenaide M. R. et al. Educação Patrimonial decolonial na formação de professores de história. Disponível em <https://even3.blob.core.windows.net/anais/104855.polf> Acesso em: 27/11/2018.

desenvolvimento e divulgação, da cultura material urbana. Os alunos do ensino médio terão condições de disseminar conhecimentos, partindo dessa ação educativa voltada para a valorização e preservação desses lugares de memória da cidade.

De acordo com Lacerda,¹²³ o Centro Histórico de Cuiabá passou por constantes metamorfoses, sendo apropriado e transformado de acordo com os discursos da época, da política e dos planos diretores, sacrificando, na maioria das vezes, antigas edificações que caracterizavam o sítio urbano, constituinte da identidade local. Sendo assim, a partir desta experiência, os alunos são levados a refletir, estabelecer as relações que lhes permitam compreender as continuidades e rupturas da história presente a sua volta. Como afirma Horta, “O patrimônio cultural e o meio-ambiente histórico em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos alunos sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles.”¹²⁴

No retorno para a sala de aula, após a caminhada pelo Centro Histórico de Cuiabá, organizei uma roda de conversa para que os alunos pudessem expor suas observações e registros, através de análises e questionamentos, acontecendo a terceira etapa da atividade, a partir da exploração da aula de campo. Em seguida outros questionamentos foram realizados: as fachadas deveriam ser preservadas? As casas antigas deveriam ser substituídas por outras mais modernas? Qual o papel dos proprietários dos imóveis tombados do centro histórico? O debate foi interessante, com opiniões divergentes. Mas a turma foi unânime quando afirmou que as fachadas deveriam ser restauradas e os casarões deveriam ser preservados, conforme comentário da aluna Dália:¹²⁵ “Tem que haver manutenção, conservá-los, os proprietários não têm condições financeiras de fazer a manutenção e restauro, o poder público deveria ajudá-los, para que o tombamento, a queda no chão não aconteça”.

Para Horta, “A exploração é o momento de análise, questionamento, hora de interpretar o que foi observado e registrado, tendo como foco o desenvolvimento de um olhar crítico.”¹²⁶ As experiências de sala de aula complementaram a prática dos percursos patrimoniais e, deste modo, conseguiu-se envolver os participantes no processo de construção e assimilação do patrimônio local; principalmente durante as caminhadas,

¹²³ Cf. LACERDA, Leila Borges de. **Patrimônio histórico cultural de mato Grosso: bens edificados e tombados pelo Estado e União**. Cuiabá: Entrelinhas, 2008.

¹²⁴HORTA, Maria de Lourdes Pereira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN; Museu Imperial, 1999. p.8.

¹²⁵ A flor dália simboliza delicadeza, união recíproca, piedosa.

detalhes, antes despercebidos, chamaram a atenção dos alunos.

Finalizando as etapas da atividade da caminhada pelo Centro Histórico, com a apropriação, os alunos apresentaram em sala de aula as imagens registradas durante a caminhada, destacando os casarões, as igrejas e outros lugares de memória, e fizeram sugestões de algumas atividades que poderiam ser incorporadas ao projeto da escola, com a apresentação das fotografias em um mural para que a comunidade escolar visualizasse o resultado da atividade.

No Brasil, devido aos interesses do mercado imobiliário e empresariais, demolições de construções antigas, substituídas por prédios modernos e contemporâneos são recorrentes, expressando a despreocupação com a preservação com o patrimônio histórico. Como a descaracterização e as demolições de antigos prédios no centro histórico de Cuiabá, que aconteceram na década de 1960 e 1970. Segundo Conte e Freire foram “demolidos o Palácio Alencastro, a Delegacia Fiscal e casario vizinho, dando lugar ao novo Palácio, atual sede da Prefeitura de Cuiabá. Em 1968, é demolida a antiga Catedral que, apesar de todas as reformas, ainda era a mesma igreja de 1740.”¹²⁷

As demolições dos antigos prédios aconteceram e ainda continuam acontecendo, mesmo com a política de preservação do IPHAN que mantêm ações de restauração e revitalização desses espaços de memória na tentativa de buscar salvar o que é possível.

Durante o percurso patrimonial pelo Centro Histórico de Cuiabá, ficou evidente que no ir e vir cotidiano, as pessoas caminham por estes locais de memória e muitas vezes não percebem a importância histórica dos casarões, dos sobrados, que estão abandonados, e acabam não atribuindo nenhum significado a estes lugares. Ensinar história, através deles é também dar condições para que os alunos se apropriem da cidade, que dela fazem parte e passem a observá-la com outro olhar. Nesse sentido, ao professor de história cabe educar o olhar para além do estético, ensinar o aluno a buscar as representações visíveis e as ocultas naquele casarão, palácio e outras construções que guardam história e memória.

Observar o descaso, falta de restauração e abandono das construções desses espaços históricos da cidade, como mostra a figura 13, foi importante para a reflexão e discussão dos alunos a esse respeito, durante o percurso realizado pelo Centro Histórico

¹²⁷ CONTE, Claudio Quoos e FREIRE, Marcus Vinicius De Lamônica. **Centro Histórico de Cuiabá: Patrimônio do Brasil**. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

da capital mato-grossense. Sendo que, a questão da educação no Centro Histórico possui um importante foco de interesse na atualidade, tanto no que diz respeito ao seu papel social, quanto no que se refere às práticas realizadas nesse espaço e suas inúmeras reflexões, principalmente, neste momento histórico, devido à proximidade dos 300 anos do aniversário da cidade.

Na atualidade, observa-se que vários edifícios históricos de Cuiabá já foram restaurados e revitalizados, ou estejam com as obras em andamento, outros ainda podem ser recuperados. Basta, para isso, vontade política e sensibilidade para compreender a importância histórica, simbólica e estética do patrimônio. Conforme Romancini e Rodrigues¹²⁸, “O ato de preservar ultrapassa a condição material do bem e alcança também seu significado histórico, seu valor imaterial artístico e cultural”. Corroborando com esta ideia, Lacerda, em sua dissertação de mestrado, destaca as demandas e os desafios propostos para a preservação quando afirma que:

Pensar em ressignificar o uso dos bens patrimonializados, dessacralizar os bens tombados, torná-los acessíveis e economicamente sustentáveis significa atribuir novos sentidos aos mesmos valores históricos e arquitetônicos, pois diante de novas práticas sociais é inevitável que a atuação de instituições que pensam a preservação transcendam o entendimento apaixonado e idealizado do patrimônio intocável. Afinal, o patrimônio é ressignificado a cada novo olhar que é posto sobre ele.¹²⁹

Sendo assim, preserva-se um bem como lugar de memória com o objetivo de lembrar a sua história e sua cultura para os seus contemporâneos. Ou ainda apropriar-se deste lugar de memória para finalidades culturais. Como aconteceu com alguns casarões centenários de Cuiabá, que após a restauração e revitalização transformaram em museus, institutos, secretarias do governo, bibliotecas, como a Casa dos Alferes, hoje sede do Museu da Imagem e do Som de Cuiabá – MISC; a Casa Barão de Melgaço, tornou-se, sede do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso – IHGMT e o Palácio da Instrução que abriga a Biblioteca Estadual, ao lado da igreja Matriz, como ilustra a figura 14.

¹²⁸ ROMANCINI, Sônia Regina; RODRIGUES, Elaine Cristina Paniago. **Uma análise sobre o processo de gentrificação no centro histórico de Cuiabá-MT.** Artigo. UFMT. Docplayer.com.br último acesso em 2/11/2017.

¹²⁹ LACERDA, Marina Duque Coutinho de Abreu. **O IPHAN e a invenção dos lugares de memória em Cuiabá: as demandas e políticas de preservação do patrimônio histórico (1958-2013).** Dissertação de Mestrado. UFMT, 2014. p.110.



Figura 13. Casarão no Centro Histórico. Foto publicada no Circuito Mato Grosso em 08/04/2017.
Reinaldo Fernandes. Fonte: Ahmad Jarrah



Figura 14. Vista atual do Centro da cidade, com destaque o Palácio da Instrução. Fonte: Acervo do IPHAN-MT

A expectativa era primeiro observar os prédios e casarões do Centro Histórico de Cuiabá que necessitam de restauração fazendo a caminhada com os alunos e realizar uma análise e inventário desses lugares de memória através do registro e apropriação, percebendo a urgência da restauração e revitalização. O segundo momento, constituiu em observar as edificações já restauradas, revitalizadas e ressignificadas, tendo como objetivo compreender o “ideal” de conservação do patrimônio histórico. Assim, escolhi o Palácio da Instrução como fonte de pesquisa e exemplo de espaço educativo utilizando o modelo de aula-oficina.¹³⁰

Aula-oficina no Palácio da Instrução

Destacando o Palácio da Instrução que atualmente tem servido de espaço educativo, sediando exposições e apresentações culturais, tornou-se nosso objeto de pesquisa e trabalho de visita mediada com os alunos do ensino médio. No decorrer da pesquisa, fui contemplada com duas exposições que aconteceram no ano de 2017 e serviram como parte da pesquisa e das ações educativas para os quarenta alunos do segundo ano do Ensino Médio da Escola Estadual “Primavera”, do bairro Morada da Serra. A primeira foi a 32^a Bienal de São Paulo com a temática “Incerteza viva”, entre 16 de maio e 9 de julho de 2017, que além da exposição o evento contou com uma programação variada que incluiu performances, apresentações, conversas com artistas e curadores, visitas guiadas e visitas escolares. A segunda, foi a exposição de Santos Dumont, que se apresentou em Cuiabá, no Palácio da Instrução, entre 9 de agosto e 1 de outubro de 2017.

O ensino de história local e regional, a partir do patrimônio cultural, aponta a possibilidade de estabelecer relações com processos históricos mais amplos, estudados em sala de aula, proporcionando ao professor novas formas de atuação no ensino e aprendizagem da história, saindo das aulas centradas em temporalidades distantes, de espaços remotos e de memórias que não são identificadas pelos alunos, para trabalhar o que está mais próximo do aluno. Entretanto, nem sempre o que está mais próximo é o que provoca o interesse do aluno, ou que explica sua vida e o seu cotidiano. Para o estudante é interessante aquilo que, pela significação e importância por ele atribuída, passa a fazer

¹³⁰ Cf. BARCA, Isabel. Aula oficina, do projeto à avaliação. In: BARCA, Isabel (Org.). **Para uma Educação Histórica de Qualidade. Atas das Quartas Jornadas Internacionais de Educação Histórica.** Braga: CIED, Universidade do Minho, 2004. Pp133-144.

parte de sua realidade. Desta forma é importante considerar as suas vivências e experiências.

A aula-oficina proposta para o desenvolvimento dessa atividade teve como base o conceito da historiadora Isabel Barca¹³¹, que fez uma crítica aos modelos educativos considerados tradicionais onde evidenciam o papel dos educadores enquanto transmissores de um conhecimento pronto aos alunos, e apresentou uma aula “orientada pela visão dos alunos enquanto agentes de sua formação, com ideias e experiências prévias e os educadores enquanto investigadores sociais.”¹³² O papel do professor no ensino de história seguindo as orientações da aula-oficina, passa a ser o de organizador de atividades problematizadoras, articulando a sua aula de forma interdisciplinar, nesta pesquisa, a proposta foi trabalhar com as disciplinas de Arte e Língua Portuguesa. Em entrevista à Revista Nova escola em 2013, Isabel Barca quando questionada sobre o que é uma aula-oficina, afirmou o seguinte:

É um modo de trabalhar que organizei em 1999, resultado das aulas que ministrava na Universidade do Minho. A ideia é que, primeiramente, o professor selecione um conteúdo, pergunte aos alunos o que eles sabem a respeito e, então, selecione as fontes históricas pertinentes para a aula. Em seguida, ele deve orientar os estudantes a analisar os materiais, fazer inferências e comparações. Todos se envolvem no processo e produzem conclusões históricas, que podem ser mais ou menos válidas e mais ou menos próximas às dos historiadores. No entanto, elas devem sempre ser valorizadas, avaliadas e reconceitualizadas com a ajuda do educador. Assim, as crianças tomam consciência do que aprenderam, do que falta saber e do que mais gostariam de conhecer. A aula-oficina vai contra a corrente que não se preocupa com o que ensinar e prioriza em manter o grupo motivado.¹³³

Nesta perspectiva, para que a aula tenha os resultados positivos almejados é necessário imaginá-la em concreto com determinada precedência, planejar e explicitar os objetivos que deseja alcançar. Assim, a atividade proposta por esta aula-oficina teve o objetivo de significar, junto aos alunos, o que são os bens tombados e protegidos como patrimônio histórico e cultural de Cuiabá, bem como utilizar os lugares de memória e investigar sua história, seu processo de tombamento e as possibilidades de apropriação

¹³¹ Ibidem

¹³² Ibidem.

¹³³ BARCA, Isabel. Isabel Barca fala sobre o Ensino de História. **Nova Escola Digital**. São Paulo, 01 mar. 2013. Entrevista concedida a Bruna Nicolielo. Disponível em: <https://novaescola.org.br>. Acesso em 15/05/2018.

pela comunidade. Isabel Barca afirma que a aula-oficina coloca o aluno como agente do seu próprio conhecimento:

Ora se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceitualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Neste modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação.¹³⁴

Visita mediada: exposição da 32ª Bienal de São Paulo - “Incerteza viva”

Como proposta inicial da aula-oficina, procedeu-se ao levantamento das ideias prévias e das experiências dos alunos em relação ao Palácio da Instrução, através da aplicação do questionário e diálogos, realizada na escola antes da visita. Com a projeção de fotos do local, utilizadas como fontes, foram realizadas perguntas prévias aos alunos: Você conhece esse local? Onde fica? Já visitou esse local? Quando e para que? O que você sabe sobre esse local? O que é um patrimônio histórico? Dos 40 alunos que participaram da aula-oficina e responderam o questionário apenas dois afirmaram que conheciam o local e os demais ouviram falar sobre o Palácio da Instrução e responderam que sabiam onde estava localizado, mas nenhum aluno havia utilizado a Biblioteca Estadual Estevão de Mendonça ou havia participado de qualquer evento naquele espaço.

Contei com a colaboração de professores de Língua Portuguesa e Arte, trabalhando com análise e produção de texto em sala, o conceito de arte contemporânea, para que o aluno pudesse perceber o belo dentro da arte, assim como, a harmonia de cores, formas, contornos, usando os cinco sentidos para isso, possibilitando uma compreensão contextualizada sobre a temática proposta pela 32ª Bienal de São Paulo.

Em sala de aula, o professor tem o desafio de despertar o interesse dos alunos em compreender o mundo em que vivem a partir de suas experiências. Sobre o ensino de história de forma interdisciplinar, Ricardo Oriá, afirma que:

¹³⁴ BARCA, op. cit., p.133-144.

A educação patrimonial nada mais é do que uma proposta interdisciplinar de ensino voltada para questões pertinentes ao patrimônio cultural. Compreende desde a inclusão nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de temáticas ou de conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e a conservação do patrimônio histórico, até a realização de curso de aperfeiçoamento e extensão para os educadores e a comunidade em geral, a fim de lhes propiciar informações acerca do acervo cultural, de forma a habilitá-los a despertar, nos educandos e na sociedade, o senso de preservação da memória histórica e consequentemente o interesse pelo tema.¹³⁵

A partir das questões iniciais realizadas com os alunos desenvolvi as atividades adequadas ao desenvolvimento das instrumentalizações em foco, integrando as tarefas em situações diversificadas, investigando a potencialidade dos alunos nas atividades que foram realizadas em grupos ou individualmente, oralmente e por escrito através de produção de texto. Nesse sentido, realizou-se educação histórica, conforme Isabel Barca,¹³⁶ o professor aparece não como o detentor do verdadeiro conhecimento, na qual os alunos são apenas ouvintes, mas como investigador social e organizador das atividades que tendem a problematizar o conhecimento histórico, o aluno passa de ouvinte para protagonista da própria aula.

Nessa perspectiva, com esse modelo pedagógico o professor auxilia o aluno a desenvolver um pensamento crítico acerca da história, como nos aponta Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli, que esta relação deve ser estabelecida entre professor, aluno e o ensino de história: “Ao professor de história cabe ensinar ao aluno como levantar problemas procurando transformar em cada aula de história, temas e problemáticas em narrativas históricas.”¹³⁷ O aluno passa a ser um agente do processo histórico.

A partir das informações sobre o local investiguei o conhecimento dos alunos sobre a 32ª Bienal, com projeções de imagens e cartazes com as obras de artes e artistas que estariam expondo, através dos questionamentos: Você sabe que tipo de evento é esse? Você já visitou outros eventos desse tipo? Se já visitou, foi junto à escola ou por conta própria? Como esse tipo de evento pode contribuir na sua formação? Os 40 alunos

¹³⁵ORIÁ, Ricardo. **Educação patrimonial: conhecer para preservar.** Disponível em: www.aprendebrasil.com.br. Acesso em 16/10/2017.

¹³⁶ Cf. BARCA, Isabel. Aula oficina, do projeto à avaliação. In: BARCA, Isabel (Org.). **Para uma Educação Histórica de Qualidade. Atas das Quartas Jornadas Internacionais de Educação Histórica.** Braga: CIED, Universidade do Minho, 2004. Pp133-144.

¹³⁷SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2009. p. 57.

responderam que não haviam visitado nenhum evento como esse da Bienal, alguns já tinham presenciado exposições assim na televisão e nas redes sociais. Mas, todos sinalizaram de forma positiva sobre a necessidade de aula diferenciada utilizando outros espaços educativos, validando a importância da educação patrimonial e a necessidade de trabalhar com o patrimônio cultural.

Nesse sentido, entendo que a educação patrimonial no ensino de história viabiliza a formação dos estudantes, tornando-os capazes de conhecer a sua própria história cultural. Ao trabalhar questões relativas ao patrimônio cultural no ambiente escolar, o professor oferece subsídios para a construção do conhecimento, assim como desperta o educando para a necessidade da valorização e preservação dos bens culturais.

No ano de 2015, o Palácio da Instrução foi revitalizado para sediar a mostra da 31^a Bienal de São Paulo. Em 2017, a Fundação Bienal de São Paulo renovou a parceria institucional com a Secretaria de Estado de Cultura - SEC-MT, para receber a 32^a Bienal de São Paulo. A exposição denominada de *Incerteza Viva* trouxe como proposta a cosmologia, a inteligência ambiental e coletiva, bem como a natureza sistêmica e a ecologia.

Assim, a visita à exposição da Bienal de São Paulo, apresentada nos espaços do Palácio da Instrução, foi agendada para o dia 13 de junho de 2017 e conduzida pelos responsáveis do evento no local, tendo os professores de História, Arte e Língua Portuguesa como mediadores.

A aula-oficina de visitação a 32^a Bienal de São Paulo com atividades fora do ambiente escolar, ofereceu aprendizados significativos para os alunos, além de conviver em situações diferentes daquelas da sala de aula, foram momentos de descontração, a conversa e a troca de experiência aconteceram naturalmente, entre os alunos e professores. Durante o trajeto, da escola ao Palácio da Instrução, os professores tiveram a oportunidade de envolvê-los e motivá-los como nem sempre consegue em sala de aula. Sendo assim, com a proximidade foi possível diminuir barreiras entre alunos e professores modificando de forma positiva esta relação.

No Palácio da Instrução os alunos foram recebidos pela equipe da coordenadoria das atividades educativas, da Secretaria Estadual de Cultura, ainda no pátio, espaço ao ar livre, momento inicial da visita. Os alunos receberam informações acerca da história do local, do conjunto arquitetônico e das atividades culturais que acontecem na instituição

durante o ano. Em seguida, foram direcionados à Biblioteca Estadual e constataram a riqueza do acervo. Alguns alunos falaram “que não sabiam que tinha uma Biblioteca Estadual em Cuiabá”. Diante disso, foram conduzidos à 32ª Bienal de São Paulo. Durante a visita à exposição, os mediadores forneceram informações sobre as obras, sendo que a turma de 40 alunos foi dividida em três grupos e direcionados às salas das exposições.

Anterior a visita, havia sido solicitado aos alunos que fizessem investigações acerca do local, através de questões propostas pelo manual de aplicação de Educação Patrimonial¹³⁸ atendendo aos momentos da observação, registro e da exploração que além de ampliar o conhecimento através da pesquisa possibilita a análise tendo como foco o desenvolvimento de um olhar crítico.

Segundo Horta, Grunberg e Monteiro o campo de investigação da memória ligada ao patrimônio histórico, encontra-se delineado pela educação patrimonial que busca ser “um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido.”¹³⁹

Nessa perspectiva, o estudo do patrimônio histórico-cultural traz em si suas contribuições, pois,

A educação patrimonial quando definida como processo educativo, formais e não formais, têm como foco o patrimônio cultural apropriado socialmente como recurso para a compreensão social e histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação.¹⁴⁰

A figura 15, registra a frente do Palácio da Instrução com cartaz divulgando e fazendo o chamamento da população para a visitação à 32ª Bienal de São Paulo que se apresentou em Cuiabá em 2017.

¹³⁸HORTA, Maria de Lourdes Pereira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN; Museu Imperial, 1999.

¹³⁹ Idem, 1999.

¹⁴⁰ FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim; CLEROT, Pedro; BEZERRA, Juliana; RAMASSOTE, Rodrigo. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília-DF: Iphan/DAF/COGEDIP/CEDUC, 2014. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=4240>. Acesso em: 16-12-2017.

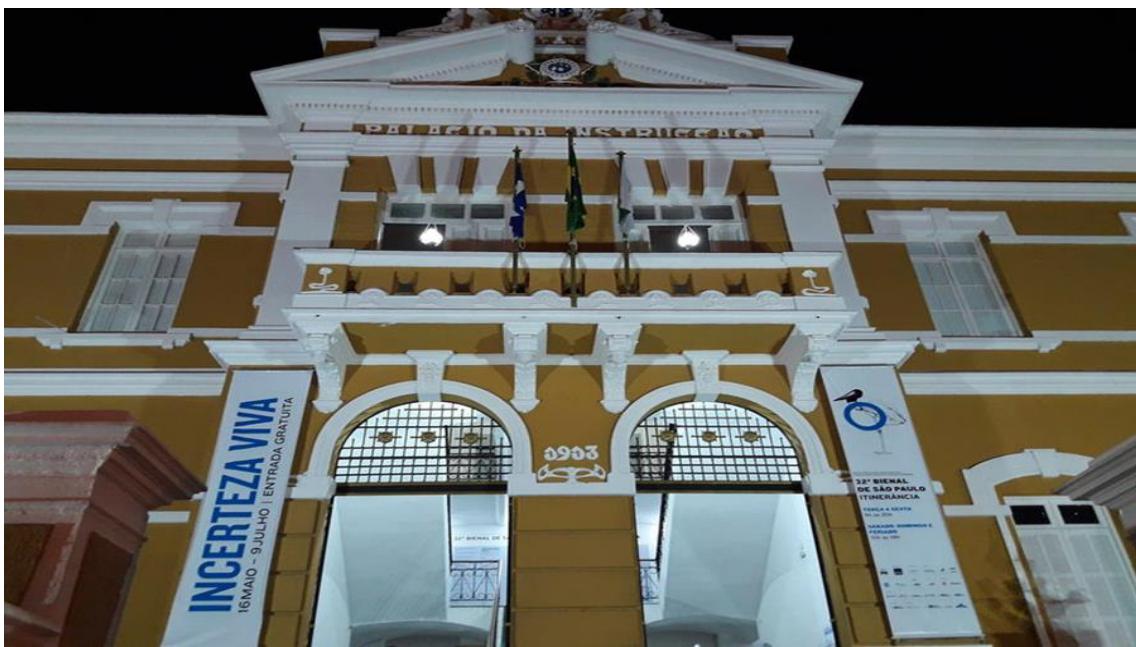


Figura 15: Frente do Palácio da Instrução com cartaz de divulgação da 32ª Bienal. Fonte: arquivo pessoal da autora em 13/06/2017.



Figura 16. Vista da instalação Espetáculo, 2016, obra de Ana Mazzei. Aula visita na 32ª Bienal Nacional de São Paulo que se apresentou no Palácio da Instrução, 13/06/2017. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A figura 16, é a obra da artista Ana Mazzei, que parte da literatura e principalmente do teatro para realizar diversas situações de observação e de encenação na forma de instalações e esculturas. Conforme esclarece o Guia da 32^a Bienal de São Paulo¹⁴¹, as esculturas e os objetos expostos são apresentados de forma a questionar noções de orientação do corpo humano, posicionamento e organização que dirigem a maneira como o homem se relaciona com o espaço. Os alunos circularam pela exposição dos objetos, fizeram o registro fotográfico, interagindo com os mediadores, com questionamentos sobre as formas dos objetos que remetem a estudos astrológicos, simbolismos políticos e especulações científicas e filosóficas sobre o universo.

As ações de conhecer para preservar, estão presentes em vários setores da sociedade e a relevância dada ao tema está defendida nos princípios de direitos e deveres norteadores da cidadania, a apropriação da herança cultural e a responsabilização pela sua proteção e preservação. Percebe-se a importância da atividade de visita à 32^a Bienal de São Paulo, enquanto contribuição para o exercício da lógica proposta pela aula-oficina de estimular o caráter ativo dos alunos como agentes da própria formação através de experiências enriquecedora e dinâmica de aprendizagem.

Durante a aula-oficina, de visita à 32^a Bienal de São Paulo, no Palácio da InSTRUÇÃO, uma das obras que os alunos mais destacaram em seus relatos foi a obra *Watu*, da artista Carolina Caycedo. Segundo o Guia da 32^a Bienal de São Paulo:

Esta obra representa a prática da artista, através da discussão de contextos marcados por grandes obras de infraestrutura com característica desenvolvimentista e ainda desenvolve pesquisa sobre os danos ambientais e sociais atrelados à construção de barragens e ao controle dos cursos naturais da água.¹⁴²

A figura 17, retrata elementos diversos: montagens de fotografias de satélite das usinas hidrelétricas de Itaipu e de Belo Monte, do antes e depois do rompimento da represa de Bento Rodrigues (Mariana, MG), desenhos que contam as narrativas dos rios

¹⁴¹Cf. MATO GROSSO. Secretaria Estadual de Cultura. 32^a Bienal de São Paulo. **Guia da Incerteza viva em Cuiabá**. 2016. p.18.

¹⁴² Cf. MATO GROSSO. Secretaria Estadual de Cultura. 32^a Bienal de São Paulo. **Guia da Incerteza viva em Cuiabá**. 2016. p. 22.

Yuma (Colômbia), Yaqui (México), Elwha (EUA), Watu, conhecido como Rio Doce e Iguaçu (Brasil).

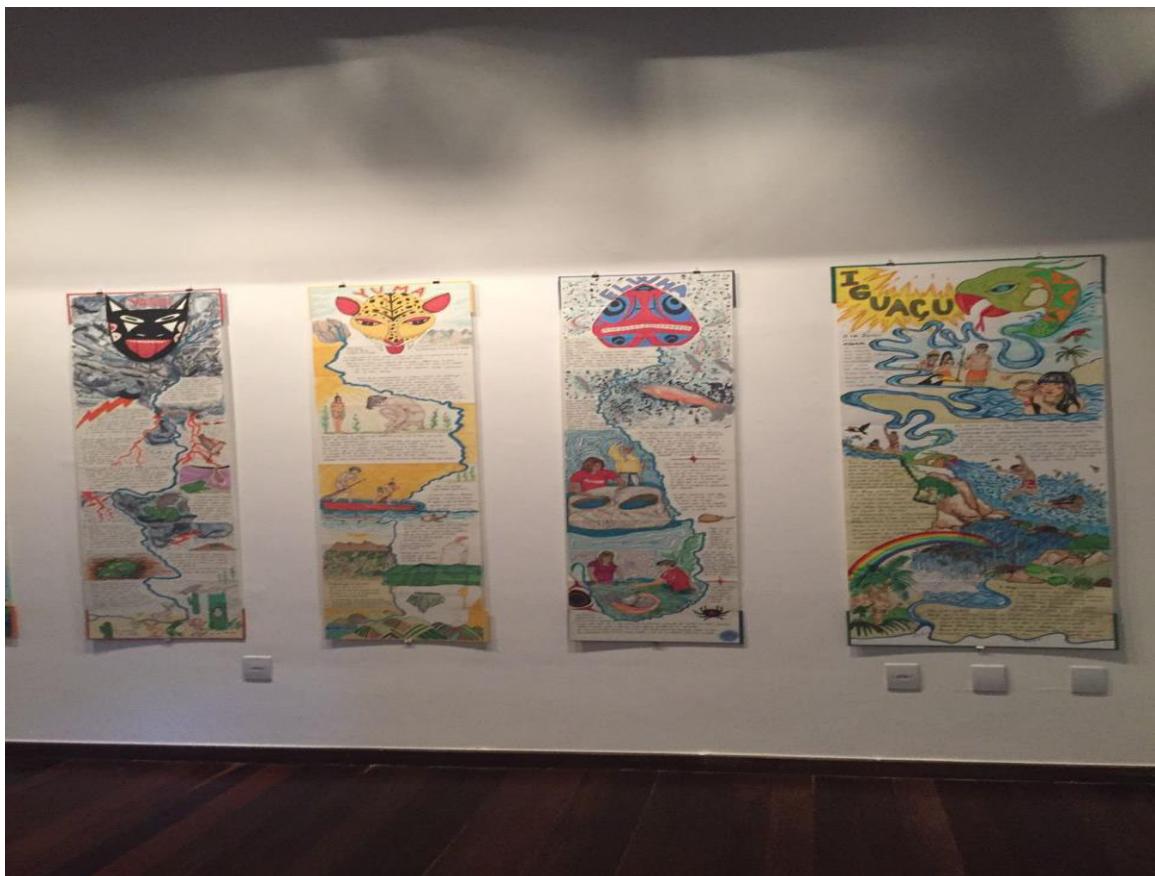


Figura 17: Watu, Iguaçu, 2016. Carolina Caycedo. Exposição da 32ª Bienal Nacional de São Paulo no Palácio da Instrução. Visita dos alunos do 2º ano da Escola Estadual, em 13/06/2017. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Após a visita à 32ª Bienal de São Paulo, no Palácio da Instrução, retornando para sala de aula, foi realizada uma roda de conversa com os alunos. Sendo uma maneira de apropriação do que foi observado, registrado e explorado, onde cada aluno teve a liberdade de compartilhar a experiência, destacando as dificuldades, o que mais havia chamado a atenção e qual aprendizado a aula-oficina de visitação havia proporcionado.

O nível conceitual dos alunos foi avaliado qualitativamente, em termos da progressão da aprendizagem, em vários momentos das aulas. Nos relatos dos alunos foi possível perceber que eles aprenderam muito com a exposição, fazendo a observação, o registro das informações, a análise das obras e produzindo novos textos. Sendo que era a primeira vez que participavam de um evento como este e passaram a enxergar o Palácio da Instrução como um espaço educativo que poderia ser utilizado em outros momentos.

Sendo assim, fizeram proposta de estender a aula-oficina de visitação à 32ª Bienal no Palácio da InSTRUÇÃO às demais turmas da escola e exposição das fotos em mural nos eventos culturais da escola.

Palácio da InSTRUÇÃO: Exposição Santos Dumont na coleção Brasiliana Itaú

Esta exposição apresenta a história de Alberto Santos Dumont (1873-1932) e sua contribuição para a invenção do avião, considerada uma das mais importantes invenções do mundo moderno. Os jornais 24 horas News,¹⁴³ Gazeta Digital,¹⁴⁴ entre outros, noticiaram a mostra de Santos Dumont que aconteceu no Palácio da InSTRUÇÃO, no período de 9 de agosto a 1 de outubro de 2017. A história desse inventor, conforme publicação nos jornais citados, foi contada por meio de objetos pessoais, fotos, vídeos, réplicas, cartas e outros documentos espalhados pelas diversas salas do Palácio da InSTRUÇÃO. Santos Dumont foi também um esportista, designer, empreendedor e ditou tendência no modo de vestir e usar o chapéu. Materialidade carregada de história, memória, subjetividade e sensibilidade.

Essa mostra faz parte da Coleção Brasiliana Itaú, através da parceria entre a Secretaria de Estado de Cultura e a Fundação Itaú Cultural “que possui um acervo de aproximadamente de 15 mil itens e cerca de 600 peças foram selecionadas pela curadora Luciana Garbin para a exposição.”¹⁴⁵ Durante a visitação, os alunos tiveram contato com os documentos pessoais, móveis, livros e fotos de família, bem como a oportunidade de ouvir a música feita em homenagem a Santos Dumont, abrir gavetas e ler documentos, ficando bem próximos da figura histórica.

Durante a exposição os alunos tiveram a oportunidade de percorrer diversos lugares e momentos que fizeram parte da história do inventor, como a fazenda Cabangu, local onde o inventor nasceu em 20 de julho de 1873, localiza-se no município de Palmyra, interior de Minas Gerais. Foram expostas várias imagens e réplicas dos balões, dirigíveis e aeroplanos, bem como uma reprodução de sua biblioteca, com publicações

¹⁴³ 24 HORAS NEWS. Exposição sobre Santos Dumont é aberta ao público no Palácio da InSTRUÇÃO. 10/08/2017. <https://www.24horasnews.com.br/noticia/exposicao-sobre-santos-dumont>

¹⁴⁴ GAZETA DIGITAL. Mostra reúne obras de Santos Dumont e a réplica de sua primeira aeronave. Redação do gd.6 ago. 2017.

<http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao/9/og/1/materia/517165/t/mostra-reune-obra-de-santos-dumont-e-a-replica-da-sua-primeira-aeronave>

¹⁴⁵ Ibidem.

que o inspiraram e algumas de sua autoria.

Sobre a exposição o jornal da Fundação cultural comentou:

A exposição conta também com uma enorme quantidade de jornais da época, um costume de Santos Dumont, para não perder nada que era publicado sobre ele e suas invenções em todo o mundo, assim contratou quatro empresas especializadas em rastrear jornais. Os bilhetes postais, febre do início do século XX, também estão representados na exposição, com alguns que são estampados por criações de Santos Dumont. Para finalizar, uma réplica perfeita e em tamanho real do famoso aeroplano *Demoiselle*.¹⁴⁶

Na figura 18, os alunos do 2º ano do ensino médio estão entrando no Palácio da Instrução para uma visitação à Exposição de Santos Dumont no dia 18 de agosto de 2017. A mostra havia sido inaugurada em São Paulo, em novembro de 2016, por ocasião dos 110 anos do primeiro voo do aeroplano 14 Bis, a mais famosa criação de Santos Dumont e ficou em cartaz até janeiro de 2017. Na figura 19, observa-se a aeronave Demoiselle, com uma réplica montada em tamanho real, que ganhou destaque na mostra, em 2017 no Palácio da Instrução, em Cuiabá-MT. Sobre a Demoiselle, o jornal Diário de Cuiabá publicou:

O primeiro exemplar do Demoiselle, também conhecido como Libellule, voou em 1907, sendo desenvolvido até 1909. Foram os menores e mais baratos aviões de sua época. A intenção de Santos Dumont era que essas aeronaves fossem fabricadas em larga escala e, com isso, ajudassem a popularizar a aviação. Como o inventor disponibilizava os planos a quem se interessasse, Demoiselles foram fabricados por diferentes oficinas e foram muitas as unidades construídas.¹⁴⁷

Nesse sentido, ações educativas como esta aula-oficina realizada no Palácio da Instrução, em visita à exposição de Santos Dumont, estão direcionadas a questões fundamentais para um exercício do papel do estudante em sociedade, com atividades fora do espaço escolar.

¹⁴⁶ITAÚ CULTURAL. Santos-Dumont na coleção brasileira em Cuiabá. 27/7/2017. <http://www.itaucultural.org.br/>

¹⁴⁷DIÁRIO DE CUIABÁ. Réplica do avião Demoiselle é atração na exposição sobre Pai da aviação. 26/08/2017. <http://www.diariodecuiaba.com.br/>



Figura 18. Alunos do Ensino Médio da Escola Pública, em Aula-oficina no Palácio da Instrução em 18/08/2017. Fonte: acervo pessoal da autora.

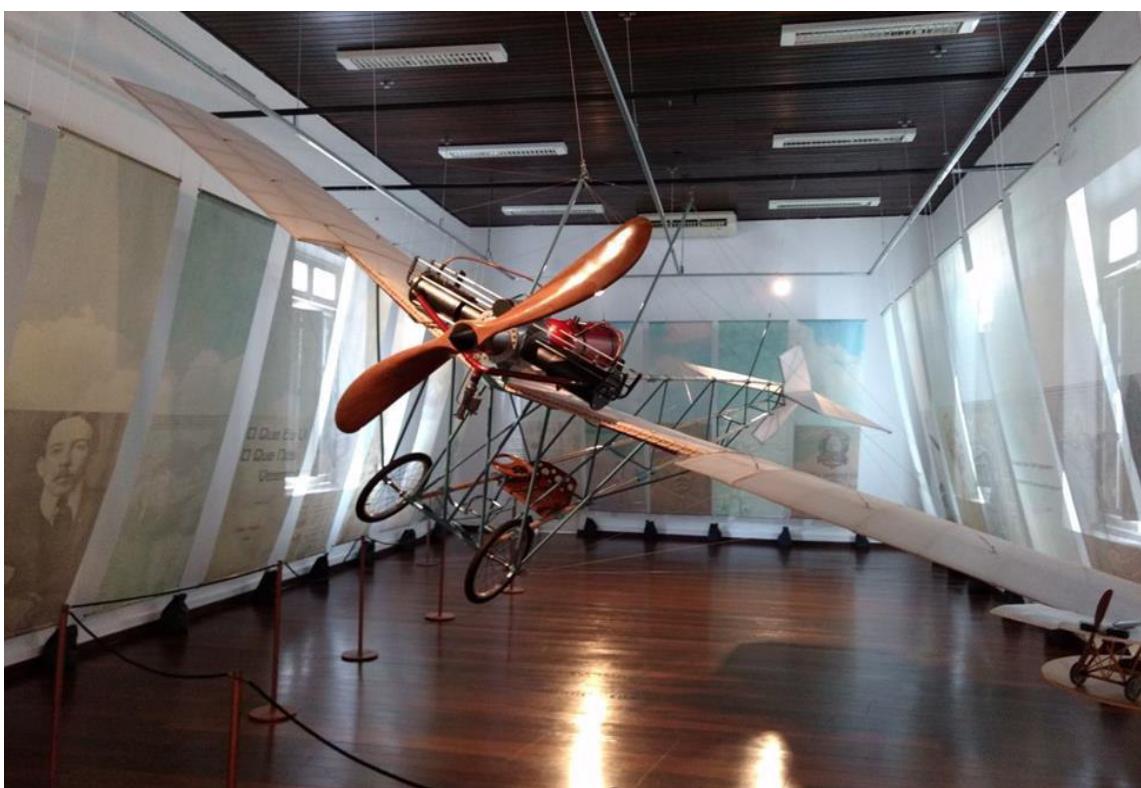


Figura 19. Réplica da Demoiselle na Exposição Santos Dumont no Palácio da Instrução. Visitação dos alunos em 18/08/2017. Fonte: Acervo pessoal da autora.

As orientações curriculares para o Ensino Médio de Mato Grosso de 2010,¹⁴⁸ afirmam que o lugar do ensino de história não é apenas no ambiente escolar, mas sua relação com a realidade social, destacando os objetivos ligados as ações de analisar, compreender, conscientizar, perceber, reconhecer e valorizar as questões relacionadas a participação popular, construção da cidadania, transformação social, política, econômica e cultural. Assim, nesta perspectiva, as atividades fora do ambiente escolar, seguindo as orientações de Isabel Barca sobre as aulas-oficinas,¹⁴⁹ integram inclusive a visitação a exposições, museus e outros eventos culturais, visto que contribuem para a compreensão histórica.

Nesse sentido, ao professor de história compete organizar as atividades de visitação aos lugares de memória, unindo-as aos conteúdos trabalhados em sala, contextualizando historicamente a fim de aprofundar aquele conteúdo, através de outro olhar, partindo do conhecimento prévio do aluno, da construção e reconstrução do saber, facilitando sua apropriação.

Assim, a atividade de visitação à exposição de Santos Dumont contemplou os conteúdos desenvolvidos em sala, como a Revolução Industrial e o mundo contemporâneo, uma vez que, os alunos já haviam realizado pesquisa bibliográfica sobre as “inovações tecnológicas” na saúde, educação, agricultura, meios de comunicação e meios de transporte, complementando o conhecimento realizado em sala de aula.

Sendo assim, a partir da problematização desse espaço em particular, o Palácio da InSTRUÇÃO, os alunos foram instrumentalizados a inferirem outros espaços, ricos em memória e história. Através do percurso patrimonial realizado no Centro Histórico de Cuiabá, os estudantes perceberam que a cidade tem outros suportes de memória que precisam ser conhecidos e que as pessoas constroem a história a partir da socialização e interação com o ambiente em que vivem. Para muitos destes alunos, esta experiência trouxe contribuições significativas para a sua vida e um sentimento de pertencimento a história desse lugar de diferentes culturas, tradições e modos de vida, contada e recontada por sujeitos comuns participantes desta realidade social.

As transformações tecnológicas do mundo atual influenciaram no processo de

¹⁴⁸ Cf. MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações curriculares: concepções para a Educação Básica.** Cuiabá: Defanti, 2010.

¹⁴⁹ BARCA, Isabel. Aula oficina, do projeto à avaliação. In: BARCA, Isabel (Org.). **Para uma Educação Histórica de Qualidade. Atas das Quartas Jornadas Internacionais de Educação Histórica.** Braga: CIED, Universidade do Minho, 2004. Pp133-144.

ensino-aprendizagem em sala de aula. Os professores de alunos dessa geração digital precisam constantemente repensar suas estratégias de ensino, onde somente o livro didático, o quadro de giz ou canetões, o lápis e o caderno, muitas vezes não são suficientes como suportes didático-pedagógicos. Urge o acompanhamento destas mudanças no âmbito do ensino.

Diante disso, além da educação patrimonial, utilizando espaços de memória da cidade como espaços educativos, existem ainda outros recursos possíveis de utilização para o aprendizagem e interação dos alunos, com o uso da tecnologia a favor da educação, principalmente com o uso crescente dos aparelhos móveis, computadores, tablets e celulares, em sala de aula. Ao perceber o quanto relevante pode ser o ensino e aprendizagem voltado para o reconhecimento, valorização e proteção do patrimônio, pensou-se em como desenvolver esse processo aliado ao uso da tecnologia, uma vez que, ela está presente em todos os setores da vida contemporânea.

A tecnologia em um período curto de tempo foi ganhando espaço e hoje é indiscutível a sua importância nas mais variadas atividades do cotidiano. A tecnologia trouxe inúmeras mudanças nos meios de comunicação e informação nas diferentes áreas de conhecimentos e nos diferentes setores da sociedade, impactando a educação neste início do século XXI.

Nesse sentido, a minha proposta foi a de criar um aplicativo sobre o Palácio da InSTRUÇÃO, como produto final da pesquisa, que será apresentado no próximo capítulo, direcionado ao público escolar, através do qual o aluno faz uma visita virtual pelo Palácio, mas que não substitui, obviamente a visita presencial. O aplicativo possui informações gerais sobre o funcionamento do Palácio da InSTRUÇÃO, como horários, endereço e telefone assim como informações sobre a história, as salas da Biblioteca Estadual e registros fotográficos. Pode ser um recurso interessante para o planejamento da visita ou mesmo para os alunos consultarem durante a mesma, levando em consideração que atualmente, alguns museus, bibliotecas, estão fazendo uso da tecnologia para demonstrar seus acervos e aproximar o público a partir da interatividade.

CAPÍTULO III

APLICATIVO PARA VISITAÇÃO AO PALÁCIO DA INSTRUÇÃO: PATRIMÔNIO HISTÓRICO E TECNOLOGIA VIRTUAL

Quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais utilizo o patrimônio cultural, que é patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta a minha responsabilidade com os homens.¹⁵⁰

Este capítulo tem como objetivo realizar uma análise sobre a educação com uso da tecnologia e apresentar o produto da pesquisa através de uma proposta de um roteiro de visitação virtual ao *Palácio da Instrução* destinado aos educadores, alunos e público em geral, que busca por aquisição, atualização, produção e utilização do conhecimento, com a criação de um *aplicativo* para aparelhos móveis. Sobre o que é virtual, Lévy, afirma que:

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes.¹⁵¹

Assim, é importante refletir sobre o quanto a educação escolar está conectada com a realidade atual. Será que estamos sendo capazes de desenvolver pessoas para os desafios contemporâneos? Na atualidade, há uma dispersão do uso de celulares na sociedade e no ambiente escolar. Neste cenário, a escola e os professores trabalham para conseguir lidar com alunos cada vez mais conectados a um grande volume de informações disponíveis na internet que se multiplica cada vez mais. A tecnologia evolui e é necessário que nós professores também nos aperfeiçoemos e saibamos aplicá-la em favor da educação histórica.

¹⁵⁰ FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

¹⁵¹ LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1999. p.5.

Ao pensar a escola hoje é preciso desenvolver perspectivas sobre o mundo e lançar o olhar para o futuro. Que mudanças teremos daqui a 10 e 20 anos? Portanto, o mais importante agora é: como podemos repensar a educação, de forma a empoderar as crianças e os jovens, com competências adequadas ao uso seletivo das informações? No presente as tecnologias são processualmente compartilhadas nas sociedades. Vive-se a materialidade e a realidade virtual, inclusive no cotidiano escolar. A modernidade se pauta no desenvolvimento tecnológico com foco na mobilidade dos aparelhos celulares, tablets e outros, desdobrando-se na necessidade urgente de se construir projetos e metodologias de ensino adequadas a esta realidade.

Na sala de aula, os aparelhos celulares já fazem parte do cotidiano dos alunos, assim existe a necessidade de explorá-los como forma de gerar mais facilidade e conveniência para algumas atividades já realizadas. Nesse sentido, afirma Freire: “o professor que não respeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem [...] transgride os princípios fundamentais da ética da nossa existência.”¹⁵²

A escola ainda possui uma relação muito estreita com a tecnologia e a utiliza para promover experiências muito corriqueiras, como calcular, buscar, pesquisar, assistir e ler. Ou seja, fazemos as mesmas coisas, com recursos diferentes. Situação coerente, uma vez que a função social da escola permanece inalterada. Mas a tecnologia precisa estar a serviço de outras experiências, como por exemplo a criação de aplicativos úteis, produção de vídeos e robótica. É possível encontrar os indícios do uso destas tecnologias em muitas experiências inspiradoras. Nesse sentido, é necessário acreditar que nossos estudantes são capazes de fazer essa mudança e acima de tudo, compreender que nós, educadores, fazemos parte dessa mudança.

Foi pensando por este caminho, que resolvi criar um aplicativo simples e gratuito para celulares, smartphones e *tablets*. O qual tem como objetivos, oportunizar aos alunos, educadores e públicos em geral, uma visitação virtual aos espaços do Palácio da InSTRUÇÃO; pesquisar sobre a história do local e verificar vídeos e imagens disponíveis no aplicativo; dialogar com os acervos e ações educativas desenvolvidas no Palácio da InSTRUÇÃO, instituição compreendida como um processo social de formação de consciência crítica, com uma prática de leitura e interatividade com o mundo, usando a tecnologia,

¹⁵² FREIRE, op. cit., p.66.

através dos aparelhos móveis.

Sendo assim, a sociedade pode desfrutar de uma educação que se realiza a partir da visitação ao espaço com mediadores, com estratégias e abordagens das temáticas apresentadas através de suas exposições artísticas e culturais, mas também oportunizar-se o conhecimento por meio do aplicativo.

Após muitas pesquisas resolvi fazer o uso de uma plataforma *online* intitulada *Fábrica de Aplicativos* (disponível no link: <http://fabricadeaplicativos.com.br>), a qual fornece meios para a criação de aplicativos simples e gratuitos para celulares, *smartphones* e *tablets*. A preocupação inicial quando se pretende criar um aplicativo é entender quem irá utilizar o produto. As características do usuário são importantes para alinhar as expectativas e ser mais objetivo. Nesse sentido, o formato do conteúdo, imagens, vídeos, apresentados no aplicativo sobre o Palácio da Instrução, foi pensando no aluno do ensino médio como usuário. Após esse entendimento, começa-se a criação do escopo básico que representará o produto do ponto de vista conceitual. Em seguida, faz-se o protótipo digital e navegável, criando as abas de navegação. Esta etapa valida a hierarquia das informações, telas e fluxos de navegação, com textos, imagens e vídeos. Com o app pronto faz-se a validação do produto, importante para lapidar a ideia e verificar qual plataforma será mais compatível com seu produto: *iOS, Android ou Windows phone?*

Ao entrar no Palácio da Instrução através da visitação virtual, como espaço educativo e lugar de memória, com suas relações sociais, é possível aprender com a experiência dos que nos precederam, seja enquanto grupo escolar ou espaço cultural. A experiência virtual é uma maneira de conhecer e valorizar a herança cultural, além de compreender a capacidade de apropriar e utilizar a instituição, respeitando as diferenças e a diversidade.

Trata-se da evolução tecnológica de mídia digital que permite a visualização completa do ambiente, através das abas do aplicativo que direciona o visitante a uma experiência fascinante proporcionando conhecimento e informações sobre o espaço de memória.

Inventário do aplicativo

O aplicativo possui um leitor de *QR code* e um link de acesso https://app.vc/palacio_da_instrucao, com uma lista contendo diversas abas que direciona

o visitante para as páginas dos conteúdos sobre o Palácio da Instrução. O primeiro passo na página de abertura é o momento de definição do design do layout, a aparência para personalizar o aplicativo (*app*) com cores e imagens de abertura, no cabeçalho e no fundo. Nesse aplicativo utilizei imagens do Palácio da Instrução. O segundo passo é o conteúdo organizado em abas.

A primeira aba tem como título Palácio da Instrução com dois itens: 1) Gestão atual do Palácio da Instrução; 2) História do Palácio da Instrução, conforme pesquisa registrada no primeiro capítulo desta dissertação nas páginas 18 a 20. A figura 20, mostra a primeira aba do aplicativo, com uma fotografia e a história da instituição.



Figura 20. Captura de tela da aba 1 do aplicativo/história em 5/5/2018.

Na segunda aba do aplicativo o visitante tem acesso a informações sobre a Biblioteca Estadual Estevão de Mendonça. No item principal desta aba tem o registro de um resumo da história da Biblioteca Estadual Estevão de Mendonça e como está distribuída o seu acervo em diversas salas, instalada nas dependências do Palácio. Nos demais itens desta aba apresenta as salas de acordo com os temas, disposto em todas as vertentes literárias, técnicas e didáticas. Composto por, aproximadamente 100 mil volumes entre livros, folhetos, revistas, jornais, mapas, discos em vinil, fitas de vídeo, DVD, CDs, livros em braile, obras raras e documentos avulsos, como consta nesta

dissertação nas páginas 35-37. As verificações dos acervos da Biblioteca Estadual Estevão de Mendonça podem ser consultados parcialmente através do link <http://www.ibliotecapublica.mt.gov.br>.



Figura 21. Captura de tela da aba 2 do aplicativo/biblioteca em 5/5/2018.

A terceira aba apresenta um álbum de fotos. O critério para escolha das imagens relacionadas para este álbum está associado à capacidade de informação que cada uma carrega para contar um fragmento da história do Palácio da Instrução. Logo, cada imagem é plena de sentidos e de significações. Ao observar as fotos antigas que remontam a data de fundação do Palácio em 1914 (imagem 1), ou que retrata o período de funcionamento da Escola Modelo (imagem 3), leva o visitante a uma viagem no tempo percebendo a história ali registrada, a vivência das pessoas que por ali passaram e suas experiências. Assim como, analisar as imagens atuais, o visitante irá perceber o quanto este espaço ainda está ativo e continua escrevendo a história da sociedade mato-grossense.



Figura 22. Captura de tela da aba 3 do aplicativo/fotos em 5/5/2018.

Na quarta aba são os registros em vídeos. Apresento um vídeo produzido por Negrini imagens para a Assembleia Legislativa de Mato Grosso e publicado no portal Aki no Mato Grosso em 10 de janeiro de 2016, postado no canal do *Youtube* com licença no endereço <https://www.youtube.com/channel/UCJIm> com música *Paradise por Coldplay* (*Google Play • iTunes*). O segundo vídeo do app foi construído por um grupo de alunos do ensino médio que participaram das aulas-oficinas no Palácio da Instrução e fizeram o registro fotográfico.

É possível verificar no vídeo de Negrini uma imagem panorâmica do Palácio da Instrução com vista externa de vários ângulos assim como viajar pelo interior do espaço, visitando algumas salas. Lembrando que o Palácio da Instrução foi inaugurado em 1914 em Cuiabá (MT) para sediar duas instituições de ensino de referência da cidade: a Escola Normal Pedro Celestino e a Escola Modelo Barão de Melgaço.



Figura 23- Captura de tela da Aba 4 do aplicativo/vídeos em 5/5/2018

O Palácio da Instrução está situado no Centro Histórico de Cuiabá, tombado pelo IPHAN. De sua porta principal observa-se a Praça da República ao lado está a Catedral Metropolitana, na Rua Antônio Maria Coelho, nº 151, como mostra a quinta aba do aplicativo que se refere à localização, com mapa, endereço, horários de visita e telefone para agendamentos e orientações.

As novas tecnologias da comunicação estabelecem novas relações culturais e desafiam antigos e modernos educadores. Assim, escreve Souza:

O desenvolvimento tecnológico permitiu que a informação viesse a representar, nos últimos decênios, o fator chave dos processos produtivos de bens e serviços, interferindo não só mídias digitais, redes sociais e educação em rede apenas na produção de bens de natureza física, mas principalmente na natureza simbólica. Na era da Informação, não basta que se instrumentalize as escolas com computadores e equipamentos de última geração para mudar os paradigmas e as concepções de ensino. É preciso que sejam sistematizadas e refletidas as experiências concretas e os métodos experimentados, para que se possa refletir e ampliar nossas concepções de educação na era da informação.¹⁵³

¹⁵³ SOUZA, Márcio Vieira de. Mídia e conhecimento: a educação na era da informação. In: **Revista Vozes**



Figura 24. Captura de tela da aba 5 do aplicativo/mapa/localização em 5/5/2018.

A tecnologia pode ser uma grande aliada da educação e da cultura. Assim sendo, a criação deste aplicativo para visitação ao Palácio da Instrução em Cuiabá, idealizado como produto desta pesquisa, reúne informações sobre esta instituição, considerada um importante bem do patrimônio material de Mato Grosso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Patrimonial no ensino de história viabiliza a formação de indivíduos capazes de conhecer a sua própria história cultural. Nesse sentido, a investigação acerca do *Palácio da Instrução*, buscando sua história enquanto escola e lugar de memória possibilitou obter subsídios para a construção do conhecimento e da valorização e preservação desse espaço cultural. Entender ações educativas para o patrimônio não está em “capacitar” para a preservação, com valores impostos por conceitos jurídicos, acadêmicos ou políticos, mas na afirmação contínua de que as pessoas são protagonistas no processo, sendo os seus valores e conhecimentos produzidos reconhecidos.¹⁵⁴

A partir da execução da aula-oficina a dinâmica do ensino de história se fez presente, ao explorar fontes diversas levando em consideração os conhecimentos prévios dos alunos essencial numa prática de aula-oficina e ainda foi possível notar diferentes aspectos que se referem a competências fundamentais relacionadas ao conhecimento histórico. O ser competente em história, segundo Barca requer “uma compreensão contextualizada do passado, com base na evidência disponível, e pelo desenvolvimento de uma orientação temporal que se traduza na interiorização de relações entre o passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspectivado.”¹⁵⁵

Entendo um ensino e aprendizagem que faça sentido para o aluno, levando em consideração que o professor ao pensar novas perspectivas para o ensino de história, utilizando a proposta da educação patrimonial tenha consciência da necessidade de relacionar teoria e prática, domínio do conteúdo, uso de novas metodologias e didáticas que possibilitem a inclusão de aprendizagem significativa e de educação histórica.

A problematização do patrimônio cultural e sua utilização como instrumento metodológico de ensino pode ser um importante mecanismo para construir um novo olhar para a história, trazendo uma nova perspectiva para o ensino de história. Isso acontece,

¹⁵⁴ Cf. PINHEIRO, Adson Rodrigo S. **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor: IPHAN, 2015. 14.

¹⁵⁵ BARCA, Isabel. Aula oficina, do projeto à avaliação. In: BARCA, Isabel (Org.). **Para uma Educação Histórica de Qualidade. Atas das Quartas Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Braga: CIED, Universidade do Minho, 2004. Pp133-144.

na medida em que o ensino passa a instigar os alunos, dando a eles situações práticas e desafiadoras onde terão, através da problematização do próprio espaço que vivem, partindo de situações concretas e cotidianas, condições de buscar respostas para suas ansiedades e carências. Os alunos ao viverem estas experiências, encontrando as pessoas nas ruas, durante o percurso patrimonial pelo Centro Histórico de Cuiabá, perceberam a importância que o patrimônio tem na trajetória dos lugares de memórias, na possibilidade de acesso ao passado, na vida dele e dos outros, a partir daí, podem tomar para si a tarefa de continuar produzindo novos conhecimentos e significados, atribuindo-lhe novos sentidos.

A educação patrimonial, ao mesmo tempo em que deve estimular o conhecimento e a valorização dos testemunhos culturais das comunidades locais, deve também “encetar nelas o sentimento de tolerância para a diversidade cultural, a sensibilidade para admirar a cultura dos outros povos, de outras regiões ou épocas cujos registros culturais expressam a riqueza da cultura humana.”¹⁵⁶

Nesta reflexão, foi possível identificar que a sociedade contemporânea, vê-se diante de rápidas transformações e que busca suas referências e identidade no consumo da enorme produção em torno da história, em diversos meios e mídias e, em boa medida, através da patrimonialização com a multiplicação de lugares de memória. As rápidas mudanças pelas quais o mundo contemporâneo passa, alteram a relação dos indivíduos com o tempo. Os alunos, imersos num mundo conectado e adaptado a receber informações fragmentadas e num contexto de apelo ao consumismo e satisfação momentânea, apresentam características que se incompatibilizam com as formas tradicionais de ensino, baseadas na memorização e repetição. Ao mesmo tempo, percebe-se que esta busca da sociedade por suas raízes e identidade pode ser apropriada pelo professor, que ao selecionar e sistematizar da imensa produção midiática, aqueles bens culturais significativos para si e seus alunos aproveitará com mais eficácia o que tem a seu dispor, um rico e atraente material de trabalho para realizar educação histórica.

Diante disso, conclui-se que o uso de atividades de educação patrimonial, através da visitação aos lugares de memória, são estratégias de ensinos capazes de promover a vivência da história no contato com os vestígios de outro tempo. Este contato proporciona

¹⁵⁶ CERQUEIRA, Fábio Vergara. Educação Patrimonial na escola: por que e como? In: _____ et al. **Educação Patrimonial: perspectivas multidisciplinares**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2008, p. 13-15.

uma experiência de empatia histórica que dá sentido concreto às narrativas. Humaniza a história mostrando que pessoas reais viveram ali, africanos escravizados, brancos pobres e uma elite formada por comerciantes, políticos, etc., construíram o presente, da mesma forma que os hoje viventes constroem com sua ação o tempo futuro. A presença material dos casarões e dos edifícios construídos no passado e que permanecem através do tempo, trazem para o presente, aquela experiência revisitada por cada olhar e por cada registro.

Então, entende-se que os alunos compreenderam as dimensões que envolvem a construção de história, memória e patrimônio, através do percurso patrimonial pelo Centro Histórico e das visitas guiada no prédio do Palácio da Instrução, ações educativas para o patrimônio, considerando que se trata de uma ação que estimula seu conhecimento, valorização e preservação. O aplicativo sobre o Palácio da Instrução vem complementar esta ação educativa, permitindo ao aluno um conhecimento prévio sobre a história e a função social daquela instituição.

REFERÊNCIAS

FONTES

Relatórios e mensagens

BRASIL. Anuário de ensino do estado de São Paulo, 1923, p.157

MATO GROSSO. Mensagem do Presidente do Estado de mato Grosso, Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa à Assembleia Legislativa, 1910.

MATO GROSSO. Mensagem do Presidente do Estado de Mato Grosso, Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa à Assembleia Legislativa. Cuiabá, 1911.

MATO GROSSO. Relatório do Presidente José da Costa Marques à Assembleia Legislativa. Cuiabá. 08 de maio de 1912.

MATO GROSSO. Regulamento da Instrução Pública Primária do Estado de Mato Grosso, Pedro Celestino Corrêa da Costa. Cuiabá, 22 out. 1910.

MATO GROSSO. Mensagem do Presidente do Estado de MT. Cuiabá. Arquivo Público de MT. 1910.

MATO GROSSO. Regimento interno da Secretaria de Estado de Cultura (SEC). 13 jun. 2017.

MATO GROSSO. Instrução normativa da Secretaria de Estado de Cultura. n.1. 30 set. 2016.

Jornais

A CRUZ. Cuiabá-MT. 4/6/1911

A CRUZ. Cuiabá-MT. 4 de junho de 1912. p.3. n.26.

O DEBATE. Cuiabá-MT. 15/08/1914, p. 3, n. 841.

O DEBATE. Cuiabá-MT. s/n dia 23 janeiro de 1912.

DIÁRIO OFICIAL, 2/5/1983, p.11.

ITAÚ CULTURAL. Santos-Dumont na coleção brasileira em Cuiabá. 27/7/2017. <http://www.itaucultural.org.br/>

DIÁRIO DE CUIABÁ. Réplica do avião Demoiselle é atração na exposição sobre Pai da aviação. 26/08/2017.
<http://www.diariodecuiaba.com.br/>

HORAS NEWS. Exposição sobre Santos Dumont é aberta ao público no Palácio da Instrução. 10/08/2017.
<https://www.24horasnews.com.br/noticia/exposicao-sobre-santos-dumont>

GAZETA DIGITAL. Mostra reúne obras de Santos Dumont e a réplica de sua primeira aeronave. Redação do gd.6 ago.2017. <http://www.gazetadigital.com.br/>

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, Márcia Bonfim de. **As engrenagens da cidade: centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX.** Cuiabá: EdUFMT; Carlim e Caniato, 2010.

BARCA, Isabel. **O pensamento histórico dos jovens: ideias dos adolescentes acerca da provisoriação da explicação histórica.** Braga: Universidade do Minho, 2000.

_____. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In: **Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica.** Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED) /Instituto de Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p.131-144.

_____. Isabel Barca fala sobre o Ensino de História. **Revista Nova Escola Digital.** São Paulo, 01 mar. 2013. Entrevista concedida a Bruna Nicolielo. Disponível em: <https://novaescola.org.br>. Acesso em 15/05/2018

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 2 ed. São Paulo: Cortez. 2008. p.168.

_____. Livros didáticos entre textos e imagens. In: **O saber histórico na sala de aula.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 1998, p. 69-90.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília. MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. **Portaria n. 127**, de 30 de abril de 2009. Estabelece a Chancela da Paisagem Cultural. Diário Oficial da União, 5 de maio de 2009. Seção 1, p. 17.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A catedral e a Cidade: uma abordagem da educação como prática social.** Cuiabá: EdUFMT, 1997.

BRESCIANI, Maria Stella (org.). **Palavras da cidade.** Porto Alegre, Editora Universitária UFRS, 2001.

BONAMETTI, J. H. **A ação do IPPUC na transformação da paisagem urbana de Curitiba a partir da área central.** 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2001. p.4.

BUFFA, Ester; PINTO, Gerson Almeida. **Arquitetura e Educação: Organização do Espaço e Propostas Pedagógicas dos Grupos Escolares Paulistas (1893-1971).** São Carlos; Brasília: Ed. EdUFSCar; INEP, 2002.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer.** 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Educação Patrimonial na escola: por que e como? In: _____ et al. **Educação Patrimonial: perspectivas multidisciplinares.** Pelotas: Ed. da UFPel, 2008. p. 13-15.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para educação hoje.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

CONTE, Claudio Quoos e FREIRE, Marcus V. De Lamônica. **Centro Histórico de Cuiabá: Patrimônio do Brasil.** Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

CORREA, R. L.O espaço urbano. Ática, 1989.

CUNHA, Eduardo Ferreira da. **Grupo Escolar: Escola Normal e Escola Modelo “Palácio da Instrução de Cuiabá” (1900-1915): Arquitetura e Pedagogia.** Dissertação de Mestrado. UFMT, 2009. p.59.

DARNTON, Robert. O panorama da informação. In: **A questão dos livros: passado, presente e futuro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 39-59.

FERNANDES, Reinaldo. **Centro da cidade retrata o abandono da história de Cuiabá.** Disponível em <http://circuitomt.com.br/editorias/cidades>. Publicado em 08/04/2017. Acessado em 29/05/2017.

FRAGA, Hilda Jaqueline et al. (Org.). **Experimentações em lugares de memória.** Porto Alegre: Selbach, 2015.

_____. A cidade como documento no ensino de história. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.). **Leituras da cidade.** Porto Alegre: Evangraf, 2010.

FREIRE, Júlio De Lamônica. **Por uma Poética da Arquitetura.** Brasília: EdUFMT, 1997. p. 2-78.

FREIRE. P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados.** São Paulo: Papirus, 2003. P.37-38

GOMES, Cristiane Thais do Amaral Cerzoso. **Viveres, fazeres e experiências dos italianos em Cuiabá (1890-1930).** Cuiabá: Entrelinhas/EdUFMT, 2005.

GRUNBERG, Evelina. Educação patrimonial: utilização dos bens como recursos educacionais. In: **Cadernos do CEOM,** Chapecó, SC, Argos, nº 12, 2000. p. 159-180.

_____. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial.** Brasília, DF: IPHAN, 2007.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. In: **Varia História.** BH: v. 22, n. 36, jul. /dez 2006, pp. 261-273.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiróz. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília: IPHAN/ Museu Imperial, 1999.

IPHAN. **Educação Patrimonial: Manual de aplicação.** Programa Mais Educação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília. DF: Iphan/DAF/Cogedip/Seduc, 2013. p.85.

LACERDA, Leilla Borges de. **Patrimônio histórico cultural de Mato Grosso: bens edificados tombados pelo Estado e União.** Cuiabá: Entrelinhas, 2008. p.42.

LACERDA, Marina Duque Coutinho de Abreu. **O IPHAN e a invenção dos lugares de memória em Cuiabá: as demandas e políticas de preservação do patrimônio histórico (1958-2013).**

Dissertação de Mestrado. UFMT, 2014. p.110.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: 1990. p. 40.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996. 157p.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. 260p.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações curriculares: concepções para a Educação Básica**. Cuiabá: Defanti, 2010.

_____. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações curriculares: diversidades educacionais**. Cuiabá: Defanti, 2010.

_____. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações curriculares: área de Ciências Humanas**: Educação Básica. Cuiabá: Defanti, 2010.

_____. Secretaria de Estado de Educação. Biblioteca Estevão de Mendonça. 2016. Disponível em: www.cultura.mt.gov.br. Acesso em 20/03/2018.

MATTOZZI, I. **Curriculum de História e educação para o patrimônio**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 47, p. 135-155, jun. 2008.

MORIN, Edgar. **O desafio do século XXI: religar os conhecimentos**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

NORA, P. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História, São Paulo: n. 10, dez. 1993.

ORIÁ, R. Memória e Ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe. (Org.) **O saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. Educação patrimonial: conhecer para preservar. Disponível em: www.aprendebrasil.com.br. Acesso em 16/010/2017.

PINHEIRO, Adson Rodrigo S. Introdução. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). **Cadernos do Patrimônio cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor: IPHAN, 2015.

QUEIROZ, Nilza Pinto. A escola que vivi. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso –IHGMT**. Cuiabá, Tomos CXXXV-CXXXVI, 1991. p.55-60.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROLNIK, Raquel. História Urbana: História na cidade? In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio de Filgueiras. **Cidade e História. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX**. Salvador: UFBA, 1992, p. 27-30.

SÁ, Nicanor Palhares; SÁ, Elizabeth Figueiredo de. A escola pública primária mato-grossense no período republicano (1900-1930). In: **Revisitando a história de escola primária: os grupos escolares em Mato Grosso na Primeira República**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. 2 ed. São Paulo: Expressão popular, 2010.

SANTOS, João Maria. **Reestruturação produtiva: redes de empresas e empresas em rede**. In: Vozes & Diálogos, ano IV, nr 4, Itajaí: UNIVALI, 2000.

SANTOS, Rogério Santanna dos. Cresce o acesso às TICs, mas ainda é grande o desafio de democratizá-las a todos os brasileiros. p.45-48. In: BARBOSA, Alexandre F. (org.). **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas 2008 = Survey on the use off Information and Communication Technologies in Brazil: ICT**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SIQUEIRA, E. M. **Cuiabá: de vila à metrópole nascente**. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

SILVA, Jocenaide M. R. et al. Educação Patrimonial decolonial na formação de professores de história. Disponível em <https://even3.blob.core.windows.net/anais/104855.pdf> Acesso em: 27/11/2018.

SILVA, Jocenaide Maria Rosseto. **Do Museu como Espaço ao Museu como Lugar de Múltiplas Interlocuções: os Museus Universitários e as Coleções do Povo Bororo**. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12814>. Acesso em 28/11/2018.

SOARES, André Luis Ramos (Org.). **Educação patrimonial: relatos e experiências**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias et al. **Geografia: conceitos e temas**. 3^a ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. P77-116.

SOUZA, Celso de *O. Oficinas do saber – apoio didático para trabalhar com educação patrimonial*. Orleans: FEBAVE, 2002.

SOUZA, Marcio Vieira de. Mídia e conhecimento: a educação na era da informatização. In: Revista Vozes & Diálogo, nr.3, Itajaí: UNIVALI, 1999. p.44.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 15-16.

ANEXOS

Aula-oficina: Visita à 32º Bienal de São Paulo “Incerteza Viva, Processos Artísticos e Pedagógicos” - Palácio da Instrução - Cuiabá MT

Introdução

Em busca de um modelo pedagógico que auxilie na elaboração de uma aula de história orientada para o desenvolvimento de instrumentalização essencial: trato com a fonte, concepções, vestígios, tempo e recorte espaço temporal, bem como uma articulação com as disciplinas de Artes e Língua Portuguesa, o presente trabalho se pauta na elaboração e aplicação da proposta do modelo de aula-oficina.

Ora se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceitualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Neste modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação (BARCA, 2004).

A aula ocorrerá no Palácio da Instrução, bem tombado como Patrimônio Histórico e Cultural através da portaria nº 03/1983, sob responsabilidade da Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, que recebe a “32ª. Bienal de São Paulo: Itinerâncias” de 15 de maio à 09 de julho de 2017; com os alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escolas Estadual do bairro Morada da Serra em Cuiabá-MT.

Objetivos:

- Em História: entender situações humanas e sociais em diferentes tempos, em diferentes espaços; relacionar sentidos do passado com as suas próprias atitudes perante o presente e a projeção do futuro.
- Em Arte: perceber o belo dentro da arte contemporânea, assim como a harmonia de cores, formas, contornos, usando os cinco sentidos para isso; despertar o aspecto crítico com relação ao que era arte até o século XIX e o que é arte hoje e entender essa evolução
- Em Língua Portuguesa: orientar a produção de texto a partir do conhecimento prático adquirido com a teoria.

Desenvolvimento:

I. Levantamento das ideias prévias dos alunos: a ser realizada na escola antes da visita:

- Etapa 1: Projetar a imagem do Palácio da Instrução e solicitar aos alunos que respondam às questões abaixo:
 1. Você nasceu em Cuiabá? Ou vive aqui há quanto tempo?
 2. Você conhece esse local (Palácio da Instrução)?
 3. Onde fica?
 4. Já visitou esse local? Quando e para que?
 5. O que você sabe sobre esse local?
- Etapa 2: projetar imagem sobre a Bienal e solicitar aos alunos que respondam às questões abaixo:
 1. Você sabe que tipo de evento é esse?
 2. Você já visitou outros eventos desse tipo? Junto à escola ou por conta própria?
 3. Como esse tipo de evento pode contribuir na sua formação?

I. **Aula-oficina:** Visita guiada pelos responsáveis do evento no local, tendo os professores de história, arte e língua portuguesa como mediadores. Durante a visita será solicitado aos alunos que preencham as fichas de lugar e do evento.

II. Avaliação:

III. Bibliografia

BARCA, Isabel. Aula oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade:** Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED) Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131-14.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília: IPHAN/ Museu Imperial, 1999.

IPHAN. **Educação Patrimonial: Manual de aplicação.** Programa Mais Educação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Seduc, 2013. p.85.

Ficha do lugar

Identificação

1. Nome (como esse lugar é conhecido?)

2. Imagem



Figura 1: Secretaria de Cultura MT

3. O que é? (Conte de forma resumida o que é esse lugar?)

4. Onde está? (A partir de referências mais fáceis e conhecidas).

5. Períodos importantes (Pesquise os momentos ou datas importantes associadas ao lugar).

6. História (Origens e transformações do lugar ao longo do tempo.)

7. Significados (Que significados e funções o lugar tem para a comunidade?)

Descrição

1. Pessoas envolvidas (As pessoas envolvidas no lugar).

2. Elementos naturais (Quais são os elementos naturais presentes no ambiente natural).

3. Elementos construídos (Quais são os elementos construídos no lugar e suas características?).

4. Vestígios (O lugar possui vestígios de ocupação anteriores?).

5. Atividades que são realizadas no lugar (As principais atividades por pessoas ou grupos).

6. Manutenção (Quem são os responsáveis pelo lugar?)

7. Conservação (Em sua opinião, o lugar está bem conservado? Comente).

8. Avaliação (Indique os principais pontos positivos do lugar.)

9. Recomendações (Dê sugestões para preservação e usos do lugar.)

Educação Patrimonial, manual de aplicação. IPHAN, 2013.

Ficha do Evento

**Relatar neste espaço suas impressões e experiências durante a aula-oficina, destacando:
obras, artistas, outras informações e curiosidades.**

32ª BIENAL SÃO PAULO - ITINERÂNCIA CUIABÁ/MT
FORMULÁRIO DE SOLICITAÇÃO AGENDAMENTO ESCOLAR

É obrigatório o preenchimento de todos os campos

SEC
 SECRETARIA DE
 ESTADO DE CULTURA



**GOVERNO DE
 MATO GROSSO**
 ESTADO DE TRANSFORMAÇÃO

| | |
|---|-------------------------|
| Data solicitada para o Agendamento escolar: 13/06/2017 | Horário: 8:30 – 9:30 |
|---|-------------------------|

Nome da Instituição de Ensino: Escola Estadual AER

Endereço: Rua Deputado Osvaldo C. Pereira S/N

| | | |
|-------------------------|----------------|--------|
| Bairro: Morada da Serra | Cidade: Cuiabá | UF: MT |
|-------------------------|----------------|--------|

Nome do Responsável pelo Agendamento: Maria de Lourdes Conceição de Souza

| | |
|-----------------------|--|
| Telefones de Contato: | 1: (65) 2: (65) 99612 2808 (Prof. Maria de Lourdes) 3: (65) |
|-----------------------|--|

Endereço eletrônico (e-mail): conceicaolourdes@hotmail.com

Nome dos responsáveis que acompanharão os alunos durante o agendamento:

Maria de Lourdes Conceição de Souza;

Solicitação de agendamento para visitação:

| DATA | PERÍODO | HORÁRIO | VAGAS | OBSERVAÇÃO |
|------------------------|-----------------------|---------|-----------|----------------------------------|
| | Matutino | 8h30 | 40 | |
| | | 9h30 | | |
| | Vespertino | 13h30 | | |
| | | 14h30 | | |
| | Noturno | 17h* | | |
| | | 19h | | |
| Total de alunos: 40 | Faixa etária: 17 anos | | | Ano Escolar: 2º ano Ensino Médio |

Assinatura e carimbo do responsável.

(Caso a solicitação seja enviada via e-mail deve ser informado o RG e CPF do responsável)

Anexar a este formulário lista com os nomes dos alunos.

*17h – horário de agendamento para os sábados.